



Percursos

Publicação da Área Disciplinar de Enfermagem

da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal

FICHA TÉCNICA

Publicação Periódica
com periodicidade trimestral
ISSN 1646-5067

Editor

António Freitas

Coordenação Científica

Lucília Nunes

Comissão Científica

Armandina Antunes

Alice Ruivo

Joaquim Lopes

Paula Leal

Sérgio Deodato

Colaboradores

Permanentes

Ana Paula Gato

Cândida Ferrito

Fernanda Costa

Lurdes Martins

Mariana Pereira

Colaboradores

neste Número

Estudantes do 7º CLE

Cândida Ferrito

Lucília Nunes

Mª Alice Ruivo

Regras de Publicação:

N.º 5, 2007

Contactos

lnunes@ess.ips.pt

afreitas@ess.ips.pt

Reservados todos os direitos
de autor. Copyright®

METODOLOGIA DE PROJECTO: COLECTÂNEA DESCRITIVA DE ETAPAS



Mª Alice RUIVO e Cândida FERRITO (Orientação dos trabalhos)
Lucília NUNES (Organização e revisão da Colectânea)
Estudantes do 7º Curso de Licenciatura em Enfermagem

Editorial

Nesta edição especial da Revista Percursos publicamos uma colectânea de trabalhos com uma revisão teórica sobre o desenvolvimento da Metodologia de Projecto.

No Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal, a disciplina de Investigação é leccionada ao longo dos 4 anos da licenciatura. No 1º ano a Unidade Curricular (UC) de Investigação I aborda a Epistemologia de Enfermagem, no 2º ano a UC de Investigação II, aborda o Processo de Investigação e no 3º ano a UC de Investigação III, a Prática Baseada na Evidência. No 4º ano decorrente da alteração do Plano de Estudos de 2008, as Unidades Curriculares de Orientação à Monografia I e II, deram lugar à UC de Investigação IV, intitulada de Metodologia de Projecto, UC que é anual, e que tem por objectivo apoiar teórica e metodologicamente o desenvolvimento de um Projecto a realizar no Estágio de Opção no 2º semestre. Sendo que toda a contextualização teórica desta metodologia é leccionada no 1º semestre.

A Metodologia de Projecto, baseia-se numa investigação centrada num problema real identificado e na implementação de estratégias e intervenções eficazes para a sua resolução. Esta metodologia através da pesquisa, análise e resolução de problemas reais do contexto é promotora de uma prática fundamentada e baseada em evidência.

A Metodologia de Projecto é constituída por cinco etapas: (1) Diagnóstico de situação, (2) Definição dos Objectivos, (3) Planeamento (4) Execução e avaliação (5) Divulgação dos Resultados (Relatório).

No presente ano lectivo, para avaliação da Unidade no 1º semestre foi solicitado aos estudantes do 7º Curso de Licenciatura em Enfermagem, IPS, a elaboração de trabalhos de grupo que visaram a elaboração da contextualização de cada uma destas etapas e também o enquadramento teórico da Metodologia.

Da compilação dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes, do aprofundamento e revisão teórica pelas Docentes da Unidade, surge a “**Metodologia de Projecto: Colectânea Descritiva**” que aqui publicamos com o objectivo de este poder ser um documento de consulta e orientação no desenvolvimento desta metodologia.

Ressalvamos que o presente trabalho não foi objecto de revisão pelos pares, uma vez que se trata da compilação de trabalhos de estudantes, estes foram previamente avaliados e revistos pelas docentes da Unidade Curricular. Boa leitura!

Cândida Ferrito

ÍNDICE

Enquadramento	3
I. Conceptualização da metodologia de projecto	3
II. Diagnóstico de situação	10
III. Definição dos Objectivos	18
IV. Planeamento	20
V. Execução	24
VI. Avaliação	26
VII. Divulgação dos resultados – relatório final	30
Conclusão	35

Enquadramento

Esta colectânea materializa-se a partir de dois momentos: (1) realização dos trabalhos dos estudantes do 7º Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde, do Instituto Politécnico de Setúbal, na Unidade Curricular de Investigação IV, visando suportar teoricamente e apoiar o desenvolvimento da metodologia de Projecto ao longo do Estágio; (2) aprofundamento e revisão teórica pelas professoras das unidades curriculares de Investigação.

A **Metodologia de Projecto** tem como objectivo principal centrar-se na resolução de problemas e, através dela, adquirem-se capacidades e competências de características pessoais pela elaboração e concretização de projectos numa situação real. A metodologia constitui-se assim como uma ponte entre a teoria e prática, uma vez que o seu suporte é o conhecimento teórico para posteriormente ser aplicado na prática.

A unidade curricular de **Investigação IV** visa que o estudante desenvolva competências na Metodologia de Trabalho de Projecto no global e nas diferentes etapas em particular e realize um projecto de intervenção aplicado à realidade do seu local de estágio.

No que concerne à estrutura, esta colectânea encontra-se dividida em cinco partes distintas, nomeadamente:

- (1) **Conceptualização da Metodologia de Projecto**¹ que apresenta os fundamentos teóricos e a explicitação da própria metodologia;
- (2) **Diagnóstico de situação**², que apresenta sinteticamente a importância, finalidade e características desta etapa;
- (3) **Definição dos Objectivos**³, adequando à metodologia,
- (4) **Planeamento**⁴, relativo a actividades, estratégias e meios
- (5) **Execução e avaliação**⁵ que se apresentam separadas,
- (6) **Divulgação dos resultados**⁶ – elaboração relatório final

¹ Realizado por Ana Filipa Gonçalves, Andreia Leite, Carlota Fernandes, Cláudia Andrade, Nuno Guerreiro, Pandora Salvado e Tânia Dias.

² Realizado por Cidália Teófilo, Denise Cabeça, Diana Freitas, Márcia Castro, Margarida Rodrigues e Sara Silva.

³ Realizado por Andreia Vaz, Delinete Rocha, Fernando Malcata, Luís Meireles, Renato Santos, Sónia Silva e Tânia Caturna.

⁴ Realizado por Carina Rodrigues, Daniel Gonçalves, Patrícia Mendes, Pedro Baião, Sara Rodrigues, Sílvia Carvalho e Vanessa Pereira

⁵ Realizado por Alda Ribeiro, Alexandra Figueira, André Couto, Andreia Carreira e Rute Severino

Em algumas partes, resultante da revisão do trabalho dos estudantes, é junta uma «adenda teórica» com alguns elementos adicionais considerados relevantes e/ou clarificadores.

Na **conclusão**⁷, uma síntese global da metodologia de projecto, transcrita a partir de texto dos trabalhos.

I. Conceptualização da metodologia de projecto

A Metodologia de Projecto é definida como um “conjunto de operações explícitas que permitem produzir uma representação antecipada e finalizante de um processo de transformação do real”⁸, isto é, permite prever uma mudança. “É uma metodologia ligada à investigação, centrada na resolução de problemas. Através dela, adquirem-se capacidades e competências de características pessoais pela elaboração e concretização do(s) projecto(s) numa situação real.”⁹

Etimologicamente, o termo *projecto* deriva do latim: *projectare* – que significa lançar para a frente, atirar e terá surgido pela primeira vez no século XV. Assim, *projectar* significa investigar um determinado tema, problema ou situação com o objectivo de conhecer e apresentar as interpretações dessa realidade¹⁰.

De acordo com Boutinet, a primeira tentativa de formalização do projecto teve a sua origem no século XV, ligada à evolução de um campo profissional específico: a arquitectura, onde terão sido os arquitectos do renascimento italiano quem valorizou e racionalizou a fase de concepção de uma obra, isto é, o seu “projecto”. Assim, foi conotado ao projecto um *duplo sentido*: a projecção bidimensional e um desenho antecipador da obra (Ponte *et al*, 1998).

No século XVIII o conceito de projecto surge associado à evolução social, em que a pessoa envolvida no projecto passa a ter um papel determinante associado ao progresso.

⁶ Realizado por na Assenhas, Ana Mirante, Cândida Silva, Gonçalo Xavier, Helena Pereira

⁷ Partes dos trabalhos de dois grupos (Alda Ribeiro, Alexandra Figueira, André Couto, Andreia Carreira, Rute Severino) (Carina Rodrigues, Daniel Gonçalves, Patrícia Mendes, Pedro Baião, Sara Rodrigues, Sílvia Carvalho e Vanessa Pereira

⁸ GUERRA, Isabel (1994) In <http://www.cfpa.pt/cfpa/pes/meterelatorios.pdf>

⁹ Idem.

¹⁰ In <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=projecto>

Começa então a surgir na política e na filosofia projectos de sociedade, de paz, de liberdade (Ponte *et al*, 1998). Nos séculos XIX e XX, os filósofos introduzem novas dimensões no conceito de projecto: a intencionalidade, que se relaciona com a revelação do ser humano em que compreender significa projectar-se em direcção às suas possibilidades (Ponte *et al*, 1998). Actualmente, o conceito de projecto oscila entre a noção de “programa”, algo que se realiza através de uma sequência de acções; e a ideia de “lançar-se para a frente”, projectar-se naquilo que se quer ser (Ponte *et al*, 1998). No entendimento de Jean-Pierre Boutinet, o projecto é caracterizado pelas *culturas de antecipação* que, sob o impulso da evolução científica e tecnológica, recorrem a figuras diversas (projectos, previsões, planificações) com o propósito de “*explorar o futuro para domesticá-lo*”. Desta forma, os projectos dizem respeito a grandes metas que se pretendem atingir e estão associados a uma certa filosofia de intervenção: são os projectos de investigação ou de desenvolvimento, os projectos políticos, sociais ou profissionais, os projectos de vida ou de carreira. Outras vezes, referem-se a realizações concretas mas que envolvem um elevado grau de complexidade e têm um significado especial para os seus autores: a construção de uma ponte, a montagem de um programa de televisão, o lançamento de uma associação (Ponte *et al*, 1998).

O **projecto** é assim um plano de trabalho que se organiza fundamentalmente para resolver/estudar um problema e que preocupa os intervenientes que o irão realizar.

Desta forma, o trabalho de projecto é uma **metodologia**¹¹, isto é: um conjunto de técnicas e procedimentos utilizados para estudar qualquer aspecto da realidade social, que permite prever, orientar e preparar o caminho que os intervenientes irão fazer ao longo da realização do projecto (Leite *et al*, 2001), centrando-se na investigação, análise e resolução de problemas

Esta metodologia envolve sempre trabalho em grupo, pois pressupõe a implicação de todos os intervenientes e da população em que se centra o projecto, uma vez que o planear e o implementar as acções envolve já a colaboração tanto dos investigadores como da população abrangida pelo projecto (Leite *et al*, 2001), e que se prolonga ao longo de um período de tempo mais ou menos prolongado, e associado à ideia de cooperação interdisciplinar (Ponte *et al*, 1998).

O trabalho de projecto tem como objectivo central a análise e a resolução de problemas em equipa, através de diversas técnicas que permitem a recolha, obtenção e análise de informação. Esta metodologia determina assim as acções a serem adoptadas, neste ou naquele sentido, quando e como devem ser implementadas, respondendo à questão “o que fazer e como fazer”. Contudo não é um processo estanque, pois permite uma flexibilidade dos procedimentos que se desenvolvem ao longo do trabalho, sendo assim um processo dinâmico, adaptando-se e reorientando-se ao longo da intervenção sempre que for necessário (Leite *et al*, 2001).

Este processo não se baseia apenas numa investigação sustentada de determinado problema, mas sim na tentativa de intervenção, baseada em alicerces fundamentais, para a resolução eficaz desse mesmo problema, pelo que o trabalho de projecto aproxima-se bastante da investigação – acção.

Assim, estabelece-se uma dinâmica entre a teoria e a prática em que o investigador interfere no próprio campo da investigação, estando directamente ligado às consequências da sua acção e intervenção. É de salientar, que este é um método que permite ao investigador compreender melhor a realidade da população que é afectada pelo problema em questão, o que permite também uma melhor planificação e uma acção mais directa e dirigida para transformar e melhorar essa realidade. Isto confere ao projecto uma característica investigativa, produtora de conhecimento (a realidade) para os intervenientes (Leite *et al*, 2001). Está assim presente a aplicação dos conhecimentos teóricos à realidade concreta: constituindo o ponto de partida e de chegada do projecto – o trabalho desenvolve-se no contexto.

A metodologia de projecto assume características fundamentais:

- É uma **actividade intencional**, ou seja, pressupõe um objectivo, formulado pelos autores e executores do projecto ou apropriado por eles, que dá sentido às várias actividades, e está associada a um produto final que procura responder ao objectivo inicial e reflecte o trabalho realizado;

- Pressupõe **iniciativa e autonomia** daqueles que o realizam, os quais se tornam co-responsáveis pelo trabalho e pelas escolhas ao longo das sucessivas fases do seu desenvolvimento. Geralmente, há um grupo de pessoas envolvidas na realização do projecto, pelo que a cooperação assume igualmente uma grande importância, ainda que haja também projectos individuais;

¹¹ MONTEIRO, Manuela - A metodologia de trabalho de projecto *in* <http://www.cienciahoje.pt/35123>

- A **autenticidade**, ou seja, o projecto foca um problema genuíno para quem o executa e envolve alguma originalidade;

- Envolve **complexidade e incerteza**, isto é, são as tarefas complexas e problemáticas que precisam de ser "projectadas";

- Tem um carácter **prolongado e faseado**, estendendo-se ao longo de um período de tempo e percorrendo as várias fases desde a formulação do objectivo central até à apresentação dos resultados e sua avaliação.

A metodologia de projecto é assim constituída pelas seguintes fases:

Elaboração do **Diagnóstico** da situação;

Planificação das actividades, meios e estratégias;

Execução das actividades planeadas;

Avaliação;

Divulgação dos resultados obtidos.

O trabalho de projecto é uma metodologia reflexiva, pois é baseada e sustentada pela investigação, de forma sistemática, controlada e participativa, que visa identificar problemas e resolve-los através de acções práticas. A própria população destinatária do projecto é envolvida como sujeito activo o que contribui para conhecer e transformar a sua própria realidade.

Metodologia de Projecto aplicada na Escola

O conceito de projecto na educação teve origem no movimento de educação progressivista do início do século XX nos EUA, através de John Dewey. Este autor concebeu a educação em termos de experiência e defendeu a ideia de uma pedagogia aberta em que o aluno se torna actor da sua própria formação através de aprendizagens concretas e significativas (*learning by doing*). Dewey defendeu que "a educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura." (Boutinet, 1997). Dewey apresenta-nos um professor de Educação da Universidade de Columbia em Nova Iorque como o primeiro a reflectir sobre o trabalho de projecto enquanto método educativo. Por volta do ano de 1918, este professor – *William H. Kilpatrick*, definia o conceito de projecto, discutia a sua relevância educativa e relacionava-o com todos os processos de aprendizagem que ia vivenciando (Boutinet, 1997). Este professor define projecto como uma "actividade intencional feita com todo o coração e desenvolvendo-se num contexto social". Este conceito procura assim unificar vários aspectos importantes do processo de aprendizagem como toda a acção que é realizada vinda do empenho pessoal, a intenção com que é posta a acção e a inserção num contexto social (Boutinet,

1997). Centrando-se no processo educativo, *William* refere que "basear a educação em projectos é identificar o processo de educação com a própria vida", ao que *Dewey* reforça que é realizando, que aprendemos, através de objectivos traçados pela pessoa/grupo, num contexto social, sendo que é importante que sob uma orientação adequada (docente) comecemos a desenvolver projectos na escola, criando alicerces para a vida (Boutinet, 1997).

O trabalho de projecto constitui uma alteração importante no sistema tradicional de ensino uma vez que envolve os estudantes na identificação e resolução dos problemas/situações que dizem respeito aos próprios, promovendo a sua autonomia, passando o Professor a ter apenas um papel de orientador (Leite *et al*, 2001).

São assim os estudantes que delimitam o problema, o campo de acção, seleccionam a bibliografia e os métodos de trabalho, sendo que o professor/orientador deve além de avaliar os resultados do trabalho, acompanhar o processo desenvolvido, estar atento às necessidades de cada grupo, delimitar prazos e dar orientações para a melhoria do trabalho (Leite *et al*, 2001).

Este tipo de metodologia conduz a uma maior motivação dos estudantes, aproveitando melhor as suas potencialidades individuais, no entanto exige mais tempo e maior entrega. Este permite também um maior envolvimento dos estudantes com a sociedade, uma vez que os problemas identificados não se restringem à sala de aula, havendo por isso um maior crescimento e desenvolvimento a nível humano e de socialização (Leite *et al*, 2001).

Ao permitir o desenvolvimento individual de cada um, permite que se misturem vários tipos de pensamentos, várias perspectivas e conhecimentos, desenvolvendo novas formas de resolução do problema identificado e fornecendo novas perspectivas a cada um dos elementos do grupo, enriquecendo-o (Leite *et al*, 2001).

Outra vantagem da metodologia de projecto é o facto de permitir/ajudar os estudantes a fazer uma ligação entre os diferentes conteúdos interdisciplinares, tornando a barreira entre estes quase invisível - "A escola muda radicalmente quando deixa de funcionar em termos de conteúdos parcelados para perspectivar as suas acções em termos de projecto de desenvolvimento" (Leite *et al*, 2001, p. 81).

Desta forma, o trabalho de projecto permite ao estudante adquirir conhecimento não apenas com base na teoria apresentada em sala de aula, mas também trabalhando com

problemas reais em contexto real e interagindo com as várias variantes que compõe este mesmo contexto.

No Ensino Superior procura-se formar os estudantes para o mercado de trabalho, e para isso é necessário que o estudante adquira as competências que o habilitarão a estar apto para tal. O trabalho de projecto é uma das metodologias que irá permitir ao estudante, estar simultaneamente em contexto de ensino prático e teórico, contribuindo para o desenvolvimento das suas competências de uma forma mais específica. Dentro da mesma linha de pensamento podemos introduzir o Processo de Bolonha que teve um início informal em Maio de 1998 com a declaração da Sorbonne, arrancando oficialmente em Junho 1999 com a declaração de Bolonha. Este processo teve como fim construir um sistema de ensino superior europeu com reconhecimento em qualquer universidade dos estados-membros. Desta forma as diferentes universidades dos 46 países membros apresentam uma estrutura organizacional idêntica, conferindo diplomas de valor e reconhecimento idênticos.¹²

No que se refere especificamente à área direccionada ao ensino/aprendizagem, o papel do professor e estudante ganham um novo sentido, que vai de encontro ao referido pelos autores acima citados.

Segundo os pressupostos do Processo de Bolonha o ensino é centrado no estudante, sendo este co-responsável pela sua aprendizagem, dando-se especial enfoque às competências que este deve adquirir, ou seja “combinações dinâmicas de destrezas cognitivas e metacognitivas, de conhecimento e compreensão, intelectuais e práticas, incluindo valores éticos”, existindo uma ligação íntima entre as competências e os créditos (ECTS), que servem para medir o nível de trabalho do estudante, independentemente do estatuto da unidade curricular e do prestígio do professor¹³.

O estudante deve adquirir competências que lhe possibilitem a capacidade de resolução de problemas no âmbito da sua área de formação e de construção e fundamentação da sua própria argumentação, bem como desenvolver uma aprendizagem que lhe permita um elevado grau de autonomia ao longo da vida.¹⁴

O Processo de Bolonha propõe o ensino tutorial pelo que o papel do professor passará a ser o de tutor, servindo de orientador e de suporte para o estudante, sendo ainda que o

espaço de aprendizagem não se encontra confinado ao espaço físico da sala de aula¹⁵.

O professor deve ter ainda em atenção as metodologias de aprendizagem utilizadas que também sofreram alterações com o Processo de Bolonha pois como referido o estudante passou a ter o papel principal pelo que as novas metodologias devem visar o adquirir de competências específicas mas também de capacidades que sejam transversais como sejam o “aprender a pensar, o espírito crítico, o aprender a aprender, a capacidade para analisar situações e resolver problemas, as capacidades comunicativas, a liderança, a inovação, a integração em equipa, a adaptação à mudança, etc.”¹⁶.

É assim visível que o Processo de Bolonha procura formar o estudante para a vida, tornando-o mais autónomo e participativo no seu processo de aprendizagem, indo de encontro ao que já havia sido referido acima relativo à metodologia de projecto, sendo por isso este um bom exemplo para clarificar a aplicabilidade desta metodologia aplicada à escola.

Metodologia de Projecto nos Cuidados de Saúde

A metodologia de projecto acarreta sempre trabalho em grupo, visto que o projecto envolve um plano de trabalho que leve assim à resolução de um problema que é preocupante aos membros que se encontram a realizá-lo.

Quando referimos metodologia aplicada aos cuidados de saúde, remetemo-nos para uma vasta área onde podemos encontrar diversos processos metodológicos, metodologias de projecto que envolvam todas as características já referidas. Nos cuidados de saúde temos instituições, associações, unidades e serviços de apoio que se deparam com problemas no decorrer do seu funcionamento, é necessário ter percepção do que é metodologia de projecto. Dentro da metodologia aplicada aos cuidados de saúde, podemos abordar, mais especificamente esta aplicada aos cuidados de Enfermagem.

A Enfermagem, pertencendo à área da saúde, envolve um conjunto de instrumentos que visam assim à resolução ou minimização dos problemas identificados, um instrumento essencial aos cuidados de Enfermagem e, que reflecte o que se tem vindo a falar sobre metodologia de projecto, é o Processo de Enfermagem.

“O processo de enfermagem é um processo intelectual e deliberado, estruturado segundo etapas logicamente

¹² <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/>

¹³ www.salutisscientia.esscvp.eu/Site/download.aspx?artigoId=30281

¹⁴ http://www.isel.pt/plnst/Gabinetes/GabApoioAoAluno/docs/FAQs_Bolonha.pdf

¹⁵ <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt>

¹⁶ Idém

ordenadas, utilizado para a planificação de cuidados personalizados, visando a melhoria do estado de saúde da pessoa/cliente.” (PHANEUF, 2001).

O Processo de Enfermagem é considerado uma metodologia de trabalho que permite prosseguir das etapas de identificação de problemas até a resolução e/ou minimização dos mesmos na vida pessoa/família, através de intervenções de carácter individualizado, especializado e centrado na mesma, levando assim à promoção de melhor qualidade de vida (ANDRADE, 2005).

Este instrumento metodológico de Enfermagem facilita também a troca de informações entre os enfermeiros e profissionais de saúde das diferentes unidades, instituições, associações, serviços de apoio (ANDRADE, 2005).

A organização e a realização do trabalho em moldes de projecto são hoje indispensáveis em diversas esferas da actividade do profissional, possibilitando a gestão das melhores estratégias, a realização de estudos e a coordenação de esforços de vários intervenientes e de elevada importância para a instituição, serviço, profissionais das diferentes áreas e mesmo da comunidade a quem prestamos cuidados. Os profissionais devem detectar oportunidades na utilização da metodologia de forma a atingir os níveis de qualidade desejáveis.¹⁷

Quando referimos a Metodologia de Projecto aplicada aos cuidados de saúde, faz, ainda, sentido abordar os programas nacionais de saúde. Existem ao todo 40 Programas e projectos de âmbito nacional, os quais são repensados numa perspectiva de prevenir os principais problemas que afectam a nossa sociedade no âmbito da saúde, como por exemplo, *Plano Nacional de Cuidados Paliativos*, *Plano Nacional contra a obesidade*, *Plano Nacional da luta contra a Dor*, entre outros¹⁸.

Para a implementação de projectos de promoção da saúde, é necessário um planeamento a longo prazo, com as seguintes características, deverá ser: sucinto, exequível, que possam ser implementadas nas diferentes fases de desenvolvimento a quem o projecto se dirige. Requer uma avaliação periódica, incluindo a avaliação da qualidade e impacto do programa¹⁹.

Encontra-se preconizado que todos os Programas Nacionais devem seguir uma Metodologia de Projecto, incorporando assim todas as etapas inerentes a este processo.

Em hiperligação, encontra-se um exemplo prático, da aplicação da metodologia de projecto nos cuidados de saúde, mais especificamente num dos Programas Nacionais de Saúde [[Programa Nacional de Saúde Escolar](#)]²⁰.

Referências Bibliográficas

- PHANEUF, Margot – *Comunicação, entrevista, relação de ajuda e validação*. 1ª Edição. Loures: Lusociência, 2005. ISBN 972-8383-84-3;
- BOUTINET, Jean Pierre – *Antropologia do Projecto*. 6ª Edição. Instituto Piaget Editora. 1997. ISBN: 978 972 283 293 58;
- PONTE, João Pedro, et all. *Projectos educativos Matemática Ensino Secundário*, outros, DES, Lisboa, 1998, pp9-22;
- ANDRADE, J.S; VIEIRA, M.J: *Prática assistencial de enfermagem: problemas, perspectivas e necessidade de sistematização*. Revista Brasileira de Enfermagem. Edição [online]. Vol. 58. Nº3. 2005. ISSN 0034-7167.

Referências Electrónicas

- <http://www.cfpa.pt/cfppa/pes/meterelatorios.pdf> (23/12/09; 11:20)
- <http://www.prof2000.pt/users/folhalcino/aula/proj/oquee.htm> (10/12/09; 10:50)
- http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/metodologia_a_projecto/TIC-Metodologia-Projecto.pdf (12/12/09; 13:40)
- <http://www.prof2000.pt/users/folhalcino/aula/proj/oquee.htm> (02/10/2010; 21:30)
- <http://www.cienciahoje.pt/35123> (17/12/09; 23:00)
- <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=projecto> (05/01/2010; 19:45)
- <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/> (10/02/2010; 10:30)
- www.salutisscientia.esscvp.eu/Site/download.aspx?artigoId=30281 (15/02/2010; 22:30)
- http://www.isel.pt/plnst/Gabinetes/GabApoioAoAluno/docs/FAQs_Bolonha.pdf (15/02/2010; 20:15);
- <http://www.portaldasauade.pt/NR/rdonlyres/4612A602-74B9-435E-B720-0DF22F70D36C/0/ProgramaNacionaldeSa%C3%BAdeEscolar.pdf> (21.02.2010; 1

¹⁷

http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/metodologia_a_projecto/TIC-Metodologia-Projecto.pdf

¹⁸ http://www.dgsaude.min-saude.pt/pns/vol2_42.html

¹⁹ <http://www.portaldasauade.pt/NR/rdonlyres/4612A602-74B9-435E-B720-0DF22F70D36C/0/ProgramaNacionaldeSa%C3%BAdeEscolar.pdf>

²⁰ Idem

ADENDA TEÓRICA

Um projecto desenvolve-se num determinado quadro, contextual, prescritivo e normativo, a partir da identificação de problemas e/ou necessidades, propondo objectivos, planeando a organização de ações no tempo e mobilizando recursos e estratégias para alcançar o resultado desejado.

A metodologia de projecto reúne um conjunto de outras teorias, que se associam é disso exemplo a tabela 2, que apresenta a esquemática²¹ de Koskela e Howell,

Table 2: The underlying theories and assumptions of project management (Koskela and Howell 2002b).

Theory of project		<p>Conceptualization: Project is a transformation of inputs to outputs</p> <p>Principles:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 The total transformation of a project can be decomposed into manageable and well-understood sub-transformations, tasks 2 A project can be realized in an optimal manner by realizing each task in an optimal manner and the tasks in optimal sequence <p>Corollary: Project performance can be performed by improving the tasks</p> <p>Assumptions:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Tasks are independent, except sequential relationships 2 Tasks are discrete and bounded 3 Uncertainty as to requirements and tasks is low 4 All work is captured by top-down decomposition of the total transformation 5 Requirements exist at the outset and they can be decomposed along with work
Theory of management	Theory of planning	<p>Conceptualization: There is a managerial part and an effector part in the project; the primary function of the managerial part is planning, and the primary function of the effector part is to translate the resultant plan into action.</p> <p>Principles:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Knowing the current state of the world, the desired goal state, and the allowable transformations of state that can be achieved by actions, a series of actions, the plan, can be deduced. 2 The plan is translated into reality by the effector part of the organization. <p>Assumptions:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Translating a plan into action is a simple process, by following directions. 2 The internal planning of a task is a matter of the person to whom the task has been assigned
	Theory of execution	<p>Conceptualization: Managerially, execution is about dispatching tasks to work stations.</p> <p>Principle: When, according to the plan, the time has arrived to begin task execution, it is authorized to start, in speech or in writing.</p> <p>Assumptions:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 The inputs to the task and the resources to execute it are ready at the time of authorization. 2 The task is fully understood, started and completed according to the plan once authorized.
	Theory of control	<p>Conceptualization: There is a process to be controlled, a unit for performance measurement, a standard of performance and a controlling unit (thermostat control).</p> <p>Principle: The possible variance between the standard and the measured value is used for correcting the process so that the standard can be reached</p> <p>Assumptions:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 The process is of continuous flow type, the performance of which is measured at aggregate terms 2 The process can easily be corrected by the control available.

Já quanto às etapas, segundo GUERRA²², a metodologia de Projecto divide-se em seis: identificação dos problemas e diagnóstico da situação; definição de objectivos; selecção de estratégias; programação das actividades; avaliação do trabalho e divulgação dos resultados.

²¹ KOSKELA, Lauri; HOWELL, Greg - The theory of project management: explanation to novel methods. Disponível em <http://www.agilealliance.org/system/article/file/901/file.pdf>, p. 3.

²² GUERRA, Isabel - *Introdução à Metodologia de Projecto*. Lisboa. 1994.

Alguns autores, identificam seis etapas, conforme quadro²³ seguinte.

Stages of the project-based method

1. Information / definition of goals	Developing and setting out jointly a problem for a project. Compiling information to resolve the task.	Active participation in the selection of a real problem or task rouses the interest of the learners and makes them get involved more. Fostering the ability to know where and when to look for information.
2. Planning	Planning process for the work plan. Tasks are assigned to members of the group. The group is fully responsible for all activities.	Fostering the ability to plan the procedure autonomously with respect to contents, the methodology and division of labour.
3. Decisions	The group members develop their own strategies for solving the problem and take decisions (almost always in prior agreement with the teacher) about which strategies to pursue.	Fostering social competences related to teamwork and negotiation
4. Implementation	Each member of the project implements his/her task according to plan or work-allocation schedule that is based on partial results.	Allowing for actual autonomous, creative and responsible action. Fostering social competence.
5. Control	Self-control by students ... possibility of identifying one's own mistakes and, if possible, of correcting such mistakes.	Learning how to evaluate better the quality of one's own work. Fostering the ability for reflective and critical self-assessment.
6. Assessment	Combined monitoring (teacher, students), discussion and assessment of project results. Theoretical consolidation of the results.	Assessment of the learning experience. Awareness for interdependencies between specialised theory and practice. Identification of intersections with other learning contents.

²³ **Theory and practice of the project-based method.** InWEnt – Capacity Building International, Germany. Disponível em http://star-www.inwent.org/starweb/inwent/docs/Lehrbrief_10_engl.pdf

II. Diagnóstico de Situação

A primeira etapa da metodologia de projecto, o diagnóstico de situação, visa a elaboração de um mapa cognitivo sobre a situação-problema identificada, ou seja, elaborar um modelo descritivo da realidade sobre a qual se pretende actuar e mudar.²⁴

Quando desenvolvemos um projecto no contexto de cuidados de saúde devemos realizar uma análise integrada das necessidades da população, na perspectiva de desenvolver estratégias e acções, concentrando os esforços e aproveitando os recursos disponíveis de forma a fomentar o trabalho em equipa entre os profissionais de saúde e equipa multidisciplinar e promover a capacidade, motivação e autonomia da população. Para que se criem respostas de qualidade que satisfaçam as necessidades da população é fundamental mobilizar os recursos humanos que são um elemento fulcral para a mudança em qualquer instituição, assim como é importante que estes possuam um bom nível de formação, adequada às suas funções e que invistam na formação contínua. Neste sentido, segundo BRISSOS “A saúde deve ser vista como vector de desenvolvimento, o que pressupõe que a mesma seja parte integrante de uma estratégia de intervenção multisectorial, com projectos que tenham características de sustentabilidade.”²⁵

Um projecto em saúde deve ser sustentável e ter a capacidade de proporcionar benefícios num prolongado período de tempo, tendo as seguintes características: produzir benefícios que possam perdurar e que mesmo na ausência do projecto possam perpetuar os seus efeitos; criar dinâmica para outras iniciativas na equipa multidisciplinar, particularmente nos Enfermeiros; e por fim, permitir o desenvolvimento global, inovador e irreversível, de modo autónomo tendo em conta os recursos existentes.²⁶ Assim, segundo BRISSOS

“Criam-se, assim, condições para um desenvolvimento participativo e humano, com reforço da competência, informação, educação, formação e cidadania, em que os recursos humanos se assumem como o principal componente”.²⁷ O diagnóstico da situação deve corresponder às necessidades de saúde das populações. Não é possível formular uma política de intervenção sem uma boa colheita de informação, desta forma os instrumentos para tal serão abordados posteriormente. Neste sentido, a execução de um Projecto tem como objectivo final a satisfação das necessidades identificadas, de forma a que, por um lado, o mesmo resolva ou minimize os problemas de saúde identificados, ou, por outro lado, optimize ou aumente a eficácia dos serviços prestados à população.²⁸

O diagnóstico da situação é dinâmico, no qual a caracterização da situação é contínua, permanente e com actualizações constantes. Nesta base de ideias, trata-se de um processo contínuo, no qual não se parte do mesmo ponto inicial, mas de um ponto aperfeiçoado, com o intuito de ter em atenção as alterações na realidade, nas instituições de saúde e respectivos serviços, não descurando as dificuldades e complicações inerentes. Desta forma e tendo em conta todos os factores intervenientes, é fulcral que o diagnóstico da situação seja realizado num tempo rápido, de forma a possibilitar uma acção em tempo útil e suficientemente aprofundado que permita a implementação de medidas pertinentes e resolúveis. Assim, o diagnóstico da situação de saúde tem um papel justificativo das actividades realizadas nos serviços, funcionando como padrão de comparação no momento da avaliação e, conseqüentemente, como ponto de balanço no sucesso ou avanço alcançado com as medidas implementadas.²⁹

²⁴ Idem

²⁵ BRISSOS, Maria Adelaide – *O Planeamento no contexto da imprevisibilidade: algumas reflexões relativas ao sector da saúde*. Revista Portuguesa de Saúde Pública. Vol. 22. N.º 1. Pp.43-55. Janeiro/Julho 2004.

²⁶ BRISSOS, Maria Adelaide – *O Planeamento no contexto da imprevisibilidade: algumas reflexões relativas ao sector da*

saúde. Revista Portuguesa de Saúde Pública. Vol. 22. N.º 1. Pp.43-55. Janeiro/Julho 2004.

²⁷ Idem

²⁸ TAVARES, António – *Métodos e Técnicas de Planeamento em Saúde*. Cadernos de Formação n.º 2. 1990.

²⁹ IMPERATORI, Emílio; GIRALDES, Maria do Rosário – *Metodologia do Planeamento da Saúde. Manual para uso em*

Centrar na ideia de “diagnóstico da situação implica referir outros dois conceitos, nomeadamente o de problema e o de necessidade.

Sendo assim, problema de saúde pode ser definido como um “estado de saúde julgado deficiente pelo indivíduo, pelo médico ou pela colectividade” e, por outro lado, necessidade é definida como “a diferença entre o estado actual e aquele que se pretende atingir”, representando o necessário para corrigir o problema identificado.³⁰

O conceito de necessidade envolve as noções de causalidade e de evolução prognóstica. As necessidades podem ser classificadas em reais, quando determinadas pelos profissionais, e ainda em expressas e não expressas; estes factores variam consoante o contexto sócio-económicos e o tipo de serviço.³¹ Neste sentido, o diagnóstico da situação implica primeiramente, a identificação dos problemas e posteriormente a determinação das necessidades, na qual é importante identificar os precursores dos problemas e as consequências dos mesmos.³²

O diagnóstico da situação é caracterizado por ser “suficientemente alargado, suficientemente aprofundado, sucinto, suficientemente rápido, suficientemente claro e por corresponder às necessidades do próprio processo de planeamento”.³³ Assim, deve apresentar determinados requisitos, nomeadamente “a descrição preferencialmente quantitativa da situação, o conhecimento dos factores que a determinam, a análise da sua evolução e perspectivas e a avaliação”.³⁴

Neste sentido, o diagnóstico da situação é dividido em quatro etapas, nomeadamente:

“a identificação dos problemas existentes no seio da população em estudo;

estudo da evolução prognóstica dos problemas, prevendo as repercussões que eles possam vir a ter em termos de estado da população;

estudo da rede de causalidade dos problemas, determinando as causas e os factores de risco que condicionam a sua existência, assim como as inter-relações entre aqueles, tornando possível identificar as áreas causais mais vulneráveis e cuja minimização mais influenciará o estado da população; e, finalmente,

a determinação das necessidades, identificando a magnitude da diferença entre o estado actual e o desejado, correspondente ao necessário para solucionar os problemas”.³⁵

Em suma, na etapa do diagnóstico da situação definem-se os problemas quer quantitativa quer qualitativamente, estabelecendo-se as prioridades e indicando-se as causas prováveis, seleccionando-se posteriormente os recursos e os grupos intervenientes. É assim uma etapa que envolve a recolha de informações de natureza objectiva e qualitativa, não descurando o aprofundamento que se pressupõe.

Neste sentido, o Diagnóstico da Situação, enquanto conceito mais alargado do que a identificação de problemas, deve consolidar a análise do contexto social, económico e cultural onde o problema se insere, assim como as potencialidades e os mecanismos de mudança existentes. Assim, deverá assumir um carácter sistémico, interpretativo e prospectivo, devendo a sua elaboração “assentar na compreensão do carácter sistémico da realidade; envolver uma relação de causalidade linear numa primeira fase e ser mais integrado numa segunda fase; ser multidisciplinar; ser um instrumento de participação e de consciencialização dos actores; ser um instrumento de pesquisa – acção; ser já intervenção por ser um instrumento de interacção e de compreensão do real”.³⁶

serviços centrais, regionais e locais. Obras Avulsas. Lisboa. 1982.

³⁰ TAVARES, António – *Métodos e Técnicas de Planeamento em Saúde. Cadernos de Formação n.º 2. 1990.*

³¹ IMPERATORI, Emílio; GIRALDES, Maria do Rosário – *Metodologia do Planeamento da Saúde. Manual para uso em serviços centrais, regionais e locais. Obras Avulsas. Lisboa. 1982.*

³² TAVARES, António – *Métodos e Técnicas de Planeamento em Saúde. Cadernos de Formação n.º 2. 1990.*

³³ Idem

³⁴ IMPERATORI, Emílio; GIRALDES, Maria do Rosário – *Metodologia do Planeamento da Saúde. Manual para uso em serviços centrais, regionais e locais. Obras Avulsas. Lisboa. 1982.*

³⁵ TAVARES, António – *Métodos e Técnicas de Planeamento em Saúde. Cadernos de Formação n.º 2. 1990.*

³⁶ GUERRA, Isabel - *Introdução à Metodologia de Projecto. Lisboa. 1984.*

Problema

A prática baseada em evidência tem como ponto de partida a prática clínica. Esta é conseguida através de perguntas formuladas na prática clínica, centradas no que se faz todos os dias. Assim, o problema pode ser diferente para o enfermeiro que trabalha num hospital ou um que seja docente, por exemplo, pois cada qual sabe quais os problemas com que lida diariamente aquando da prestação de cuidados.

A definição do problema constitui o início da concretização de uma investigação ou elaboração de um projecto, e nesta etapa inserem-se igualmente a definição das hipóteses e a operacionalização das variáveis a considerar. De uma forma geral, segundo o mesmo autor, o problema caracteriza-se por identificar e descrever, estabelecer relações entre as variáveis, apreciar a pertinência e precisar o objectivo.³⁷

Ainda assim, a identificação e elaboração dos problemas é uma tarefa complexa, e que segundo GUERRA (1994) ocorre nas seguintes etapas: identificação das causalidades dos problemas (recorrendo às hipóteses do projecto); caracterização qualitativa e quantitativa do problema e das causalidades; análise da evolução do problema no passado e perspectivas da sua evolução futura; Identificação dos intervenientes, das suas diferentes percepções do problema e expectativas face à sua resolução; levantamento de experiências concretas já existentes de intervenção ao problema; clarificação dos recursos e forças que ajudam à resolução do problema e a definição das prioridades de intervenção, face à análise do problema.

Desta forma, o problema é um elemento fulcral para a definição do diagnóstico, uma vez que esta etapa requer a produção de um quadro que identifique e relacione entre si os problemas mais relevantes da situação, ou instituição, no momento da nossa avaliação.³⁸

A definição do problema pode ser feita através de um raciocínio indutivo ou dedutivo, do qual se entenda que

o método indutivo parte do específico para o geral, ou seja, após a observação de vários fenómenos singulares é feita a procura para o que os unifica. Por sua vez, no método dedutivo, o ponto de partida da investigação são as teorias, sendo que se parte do geral e abstracto para dados ou fenómenos específicos e singulares.³⁹

Na formulação do problema existem algumas estratégias, ou fontes informativas, tais como uma teoria sobre o fenómeno em estudo, a observação directa que permite verificar a regularidade e estabilidade temporo-espacial do problema em questão, investigações anteriores e problemas anteriores. Estas últimas permitem poupar tempo e dinheiro, bem como dirigem para aspectos não estudados e potencialmente interessantes, que se revelam fundamentais.⁴⁰

As principais fontes de identificação, ou de definição do problema, são habitualmente especialistas na área, bases de dados, sugestões ou questões deixadas em aberto por outros investigadores.⁴¹

Um dos aspectos importantes nesta etapa, consiste na avaliação da qualidade e pertinência do problema, para o qual é fundamental considerar os parâmetros de apreciação definidos por ALMEIDA e FREIRE (2007), de acordo com os quais o problema deve:

- ★ Ser concreto e real;
- ★ Reunir condições para o estudo (recursos técnicos e materiais, disponibilidade por parte do contexto onde é realizado);
- ★ Ser operacionalizado através de uma hipótese científica;
- ★ Ser relevante para a teoria e/ou prática;
- ★ Estar formulado de forma clara e perceptível por outros investigadores.⁴²

³⁷ ALMEIDA, Leandro S., FREIRE, Teresa – *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 4ª edição. Braga: Psiquilibrios edições, 2007. ISBN: 978-972-97388-5-2.

³⁸ HELMING, Stefan *et al* – ZOOOP – Planejamento de Projectos Orientados por Objectivos. Frankfurt. 1998.

³⁹ ALMEIDA, Leandro S., FREIRE, Teresa – *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 4ª edição. Braga: Psiquilibrios edições, 2007. ISBN: 978-972-97388-5-2.

⁴⁰ ALMEIDA, Leandro S., FREIRE, Teresa – *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 4ª edição. Braga: Psiquilibrios edições, 2007. ISBN: 978-972-97388-5-2.

⁴¹ Idem.

⁴² Ibidem.

Instrumentos de diagnóstico

Para a elaboração do diagnóstico de situação, mais concretamente a identificação e validação dos problemas, aos quais pretendemos dar resposta, muitos são os métodos ao dispor do Enfermeiro.

Os mais utilizados na prática clínica são: a entrevista, o questionário, bem como métodos de análise da situação, nomeadamente a análise SWOT (a mais comum), Cadeia de Valores, FMEA e *Stream Analysis*.

À utilização dos métodos está implícita a **observação** do contexto e das pessoas, todos os intervenientes e actividades, sendo o ponto de partida para a sua correcta e fiável utilização.

A escolha do método a utilizar depende de vários factores como “os objectivos e o tipo de informação a recolher, o momento em que a avaliação é feita, as competências dos próprios organizadores e utilizadores dos instrumentos, o tempo e as verbas disponíveis, a forma de tratar a informação que se venha recolher”.⁴³

Estes podem ser classificados de duas formas: meios ou formas onde a observação pode ocorrer naturalmente, designada de observação “desarmada”, e os meios ou formas onde a informação é obtida de forma indirecta ou mais concretamente através de questões ou itens que se colocam aos indivíduos.⁴⁴

Na primeira situação pode-se observar os comportamentos directamente, podendo ser registado a sua frequência, duração, intensidade e condições de ocorrência. Vários instrumentos são usados frequentemente para avaliação de comportamentos e situações, alguns destes passando pelo registo de acontecimentos ou então pelas listas de verificação de comportamentos.⁴⁵

Na segunda situação visto ser uma forma indirecta de observação, parte-se das respostas dos indivíduos a determinadas questões, de forma a que posteriormente sejam tiradas ilações sobre os seus significados, através de inventários, questionários ou mesmo entrevistas. Pode-se afirmar que existe algumas semelhanças entre estes instrumentos, contudo, na

entrevista existe relação directa com os indivíduos, enquanto no questionário existe o impresso como mediador.

No que diz respeito aos **questionários** estes podem ter diversos aspectos de acordo com a liberdade da pessoa na elaboração da sua resposta ou do graduar da respectiva intensidade. Quanto mais aberto é um questionário mais este se aproxima da situação de entrevista, acabando por ser muito próximo da entrevista guiada ou dirigida, e quanto mais fechado, mais o sujeito se terá de enquadrar numa tipologia das respostas previamente definidas. Em termos de objectividade, situações delimitadas no tempo e no espaço, e de tratamento numérico da informação, importa quantificar e analisar estatisticamente os resultados. Desta forma os questionários mais fechados têm vantagens, nomeadamente no caso de serem usados junto de grandes amostras.⁴⁶

Em termos de significância e de relevância da informação recolhida, os questionários mais abertos têm vantagens ao permitirem uma maior atenção à “pessoa” e, em simultâneo, uma maior “personalização” das respostas, isto é, no que toca a sentimentos reacções dos sujeitos. Devem ser usados em pequenas amostras, como por exemplo em estudos de caso e análises quantitativas, contudo o uso de entrevista também pode ser indicado. Desta forma, pode-se afirmar que a opção por questionários, de formato aberto ou fechado, ou por entrevistas depende do tipo de variáveis e de comportamentos que se pretende avaliar.⁴⁷

Actualmente é frequente o uso de **escalas de avaliação**, onde ao invés da pessoa apenas assinalar “sim” ou “não”, com acordo ou desacordo/verifica-se ou não se verifica, neste a pessoa pode responder ao item através de uma escala gradual de pontos ou de intervalos de acordo com a posição da pessoa em relação à situação, como, por exemplo, numa escala ordinal de 5 postos - Escala de *Likert* do acordo até totalmente em desacordo.⁴⁸

⁴³ CARVALHO, Adalberto Dias, *et al* – *A construção de um Projecto Escola*. Porto. Porto Editora.1993. ISBN 972-0-34203-X.

⁴⁴ CARVALHO, Adalberto Dias, *et al* – *A construção de um Projecto Escola*. Porto. Porto Editora.1993. ISBN 972-0-34203-X.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ CARVALHO, Adalberto Dias, *et al* – *A construção de um Projecto Escola*. Porto. Porto Editora.1993. ISBN 972-0-34203-X.

⁴⁸ Idem.

Existe ainda as **escalas de ordenação**, que tendo o mesmo fim de graduar a intensidade de comportamento, o sujeito tem de ordenar um conjunto de afirmações reportadas a um determinado assunto ou comportamento de acordo com um grau crescente ou decrescente de importância.⁴⁹

Relativamente à **entrevista**, é um meio bastante utilizado para recolha de informação, opiniões ou de necessidades, e até maior conhecimento sobre as pessoas, as suas relações e pertença a um grupo. Podem ser realizadas individualmente ou em grupo, sendo que em grupo permite uma boa síntese, mais completa, dinâmica e compreensiva, em relação às entrevistas individuais. Contudo, pode-se referir que posteriormente causam maior dispêndio de tempo na efectivação e análise da informação, existindo desvantagem em utilizá-las junto de grandes amostras (ou, em alternativa, que os dados sejam susceptíveis de serem quantificados e, como tal, tratados estatisticamente).

A avaliação da entrevista nem sempre é fácil, pois é complicado definir as questões tendo em conta o seu conteúdo, abrangência, profundidade ou o seu formato de acordo com os objectivos e as pessoas que vão ser inquiridas. Outro aspecto relaciona-se com a resposta do entrevistado ser aquela que muitas vezes percebe-se como a que se pretende obter pelo entrevistador, ou então esta pode girar em função da simpatia ou antipatia que se estabelece entre ambos, do que em função do que a pessoa é ou pensa, ou ainda o entrevistador conotar as respostas da entrevista com um diferente sentido. Como já foi referido, o tratamento posterior da informação também é moroso e difícil, na medida em que tem de se classificar e categorizar a informação, normalmente utilizando um guião de critérios previamente definido, mas que por vezes não é fácil integrar os conteúdos das questões.

O método de **Análise SWOT** é uma das técnicas mais utilizada na investigação social, quer na elaboração de diagnósticos, quer em análise organizacional. Baseia-se num exercício de ordenamento através de um quadro, subdividido em quadrantes, sendo estes

constituídos pelas fraquezas, ameaças, forças e oportunidades. Este mesmo método permite a reflexão e a confrontação com os factores positivos e negativos identificados perante aquela situação.⁵⁰

Dentro dos factores positivos estão incluídas as forças (pontos fortes, potencialidades, trunfos e vantagens) que são elementos favoráveis e internos ao próprio sistema, enquanto as oportunidades são de carácter ou origem exógena. Nos factores negativos, estão integradas as debilidades, entendidas como pontos fracos ou desvantagens, com carácter interno. Já as ameaças ou constrangimentos são os factores ou circunstâncias provenientes do exterior, que eventualmente prejudicam o sistema.⁵¹

No que diz respeito ao método de análise da **Cadeia de Valores**, este desagrega a situação em estudo nas suas actividades, de forma a compreender o seu comportamento e as fontes potenciais de mudança/diferenciação.⁵²

Para realizar a análise da Cadeia de Valor, devem ser respondidas determinadas questões, nomeadamente quais são exactamente os nossos clientes?; quais são as necessidades de valor “actuais” dos nossos clientes, e estes demonstrarão necessidades que nós poderemos identificar/satisfazer?; quando surgem?; onde surgem?; como é que estas necessidades são satisfeitas actualmente?; quem as identifica?; como é que podem ser identificadas?; onde e quando o “valor” do cliente pode ser produzido?; e por fim, quem deverá ser envolvido na produção de “valor”?.⁵³

A Cadeia de Valor, tem como objectivos: detectar oportunidades e ameaças, identificar pontos fortes e fracos, detectar oportunidades de diferenciação, identificar os principais determinantes de custos, localizar oportunidades de redução de custos e comparar com a cadeia de valores de outras empresas concorrentes.⁵⁴

⁵⁰ SANTOS, Marcos *et al* - TEXTO DE APOIO: a Análise SWOT e, a Selecção de Prioridades. Centro de investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”; 01 de Março de 2007, Évora.

⁵¹ Idem.

⁵² Ibidem.

⁵³ PEREIRA, Víctor Hugo Roque – “Materiais de Apoio à Unidade Curricular de Gestão em Saúde” Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Saúde, 2009

⁵⁴ BORINELLI, Márcio; ROCHA, Wellington – *Análise estratégica de cadeia de valor: um estudo exploratório do segmento indústria-*

⁴⁹ Ibidem.

A **FMEA**, do inglês, *Failure Mode and Effect Analysis*, que se traduz por **Análise do Tipo e Efeito da Falha**, tem como objectivo evitar que ocorram falhas no projecto, através da análise das falhas potenciais e propostas de acções de melhoria.⁵⁵ Esta pode ser utilizada internamente e externamente à organização e constitui uma ferramenta que, quando bem utilizada, “diminui as probabilidades de ocorrerem incidentes, traduzindo-se num aumento da confiança”. Deste modo, este método tem vindo a tornar-se cada vez mais importante pois “uma falha provoca no mínimo insatisfação”.⁵⁶

As etapas fundamentais para a aplicação da FMEA são: planeamento, análise de falhas em potencial, avaliação dos riscos e melhoria.

A adaptação da FMEA à saúde “foi desenvolvido pelo *Department of Veterans affairs do National Center for Patient Safety* e adoptado pela *Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organizations*, no processo de acreditação dos hospitais.”⁵⁷

Para cada causa da falha, atribuem-se índices para avaliar os riscos, discutem-se medidas de melhoria e acções a desenvolver para implementar estas. A sua urgência depende do *Risk Priority Number (RPN)*, produtos dos valores atribuídos à gravidade, ocorrência e detecção, e da avaliação qualitativa dos modos potenciais de Falha que a equipa multidisciplinar decidirá.⁵⁸

O método **Stream Analysis** pode ser definido como um método de análise que possibilita o diagnóstico do problema, o qual interfere com o funcionamento de uma organização.⁵⁹ Têm como objectivo fulcral “ultrapassar esta situação levando à mudança planeada na organização”, a qual “assenta na ideia de que o desempenho organizacional resulta da

interacção complexa entre diversas componentes das organizações”.⁶⁰

Com o intuito de diagnosticar o problema torna-se fulcral recorrer a uma tabela, dividida em colunas ou “streams”, as quais representam as dimensões da organização (Organização formal, Factores sociais, Tecnologias, Espaço físico). Nestas, identificam-se e classificam-se os problemas, retratando-se as dificuldades sentidas em cada um dos “streams” analisados. Posteriormente, na análise é possível reconhecer os problemas identificados e as relações entre os mesmos. Sendo o método de gestão mais eficiente para o diagnóstico de situação em Enfermagem.⁶¹

Depois de diagnosticado o problema, este disponibiliza uma orientação para o planeamento da mudança, o que permite a resolução dos efeitos adversos identificados, os quais possibilitam a actuação e resolução das situações problemáticas.⁶² Este processo está inerente a toda a prestação de cuidados, daí a importância de investir no seu desenvolvimento, procurando aperfeiçoar a operacionalização dos instrumentos acima referidos. Neste sentido, no caso dos dados obtidos, nomeadamente dos questionários e das entrevistas, importa recorrer à análise quantitativa e qualitativa dos mesmos e no caso dos restantes instrumentos de avaliação importa realizar a interpretação dos dados com o intuito de definir o problema principal e os problemas parcelares, de forma a que o investigador/autor possa seleccionar os problemas a abordar e os recursos de que dispõe.

Em síntese, o diagnóstico de situação é a primeira etapa na realização da metodologia de projecto, na qual se pressupõe a identificação do problema, através do uso e optimização da utilização de instrumentos de colheita e análise da informação, sendo que a escolha do instrumento de avaliação a utilizar dependerá do contexto em si, da população, entre outros factores. Neste sentido, os profissionais de saúde encontram-se numa posição privilegiada, uma vez que estando em

varejo in
[Http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/425.pdf](http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/425.pdf)

⁵⁵ <http://www.gepeq.dep.ufscar.br/arquivos/FMEA-APOSTILA.pdf>

⁵⁶ PEREIRA, Victor Hugo Roque – *Materiais de Apoio à Unidade Curricular de Gestão em Saúde*. Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Saúde. 2009.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ PORRAS, Jerry I. – “Stream Analysis: A Powerful Way to Diagnose and Manage Organizational Change” Addison-Wesley Publishing Company, 2002. ISBN 0-201-05693-3.

⁶¹ PORRAS, Jerry I. – “Stream Analysis: A Powerful Way to Diagnose and Manage Organizational Change” Addison-Wesley Publishing Company, 2002. ISBN 0-201-05693-3

⁶² Idem.

contacto permanente e directo com as pessoas, estes estão mais capacitados para identificar e actuar perante os problemas da população. Com o intuito de identificar as necessidades de saúde alteradas, é fulcral o recurso aos instrumentos de avaliação, nomeadamente a entrevista, o questionário e a análise SWOT, entre outros.

Referências

- ALMEIDA, Leandro S., FREIRE, Teresa – *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 4ª edição. Braga: Psiquilibrios edições, 2007. ISBN: 978-972-97388-5-2.
- BORINELLI, Márcio; ROCHA, Wellington – “Análise estratégica de cadeia de valor: um estudo exploratório do segmento indústria-varejo” in [Http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/425.pdf](http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/425.pdf)
- BRISSOS, Maria Adelaide – *O Planeamento no contexto da imprevisibilidade: algumas reflexões relativas ao sector da saúde*. Revista Portuguesa de Saúde Pública. Vol. 22. N.º 1. Pp.43-55. Janeiro/Julho 2004.
- CARVALHO, Adalberto Dias, et al – *A construção de um Projecto Escola*. Porto. Porto Editora.1993. ISBN 972-0-34203-X
- CRAIG, Jean V.; SMYTH, Rosalind L. - *The Evidence-Based Practice Manual for Nurses*. Edinburgh: Churchill Livingstone. 2002. ISBN: 0-443-07064-4.
- FORTIN, Marie-Fabienne - *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Lusociência. 1999. ISBN: 972-8383-10-X.
- GUERRA, Isabel - *Introdução à Metodologia de Projecto*. Lisboa. 1994.
- HARRISON, Michael I.; SHIRON, Arie – *Organizational Diagnosis and Assessment: Bridging Theory and Practice*. London: Sage. 1999. ISBN: 0-8039-5511-1.
- HELMING, Stefan et al – *ZOOP – Planejamento de Projectos Orientados por Objectivos*. Frankfurt. 1998.

- IMPERATORI, Emílio; GIRALDES, Maria do Rosário – *Metodologia do Planeamento da Saúde. Manual para uso em serviços centrais, regionais e locais*. Obras Avulsas. Lisboa. 1982.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. - *Metodologia Científica: Ciência e conhecimento científico, Métodos científicos. Teoria, hipóteses e variáveis*. 2ª. Edição. Editora Atlas S.A. São Paulo. 1992. ISBN: 85-224-0641-3.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. - *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 4ª. Edição. Editora Atlas S.A. São Paulo. 1992. ISBN: 85-224-0859-9.
- PEREIRA, Victor Hugo Roque – *Materiais de Apoio à Unidade Curricular de Gestão em Saúde*. Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Saúde. 2009.
- PORRAS, Jerry I. – *Stream Analysis: A Powerful Way to Diagnose and Manage Organizational Change*. Addison-Wesley Publishing Company, 2002. ISBN 0-201-05693-3.
- SANTOS, Marcos et al - *TEXTO DE APOIO: a Análise SWOT e, a Selecção de Prioridades*. Centro de investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”; 01 de Março de 2007, Évora.
- TAVARES, António – *Métodos e Técnicas de Planeamento em Saúde*. Cadernos de Formação n.º 2. 1990.
- TORO, Alberto Gálvez – *Enfermería Basada en la Evidencia: Cómo incorporar la Investigación a la Práctica de los Cuidados*. 2ª ed. Granada: Cuadernos Index/1, 2007. ISBN: 84-931966-6-5.
- <http://www.gepeq.dep.ufscar.br/arquivos/FMEA-APOSTILA.pdf>
- <http://books.google.pt/books?id=mvi3ss-FvnkC&printsec=frontcover&dq=MAPA&ei=r96CS87IKIvaMabluOcP&cd=2#v=onepage&q=&f=false>

ADENDA

Esta etapa da Metodologia de Projecto contempla a detecção de problemas mas traduz-se numa conceptualização mais ampla e pressupõe a identificação de potencialidades e recursos do meio de intervenção. O Diagnóstico deve compreender a análise do contexto social, económico e cultural onde se insere o problema, assim como as potencialidades e os mecanismos de mudança que aí se encontram. Segundo Isabel Guerra⁶³, as principais etapas da identificação dos problemas são as seguintes:

- Identificação das causalidades dos problemas – recurso a hipóteses de trabalho;
- Caracterização qualitativa e quantitativa do problema e das eventuais causalidades;
- Análise da evolução do problema no passado e perspectivas da sua evolução futura;
- Identificação dos actores intervenientes, das suas diferentes percepções do problema e expectativas face à sua resolução;
- Levantamento de experiências concretas já existentes de intervenção face ao problema;

⁶³ Guerra, Isabel - *Introdução à Metodologia de Projecto*. Lisboa. 1994

Clarificação dos recursos e forças que ajudam à resolução do problema ou que são obstáculo – forçar a um diagnóstico positivo;

Definição das prioridades de intervenção, face à análise do problema.

Assim, a etapa diagnóstica assume um carácter sistémico, interpretativo e prospectivo, devendo a sua elaboração: a) assentar na compreensão do carácter sistémico da realidade; b) envolver uma relação de causalidade linear numa primeira fase e ser mais integrado numa segunda fase; c) ser multidisciplinar; d) ser um instrumento de participação e de conscientização dos actores; e) ser um instrumento de pesquisa – acção; f) ser já intervenção por ser um instrumento de interacção e de compreensão do real.

Note-se que uma correta formulação de um problema é condição essencial – um problema mal formulado pode levar a uma visão distorcida da situação e à tomada de decisões equivocadas.

De entre os cuidados ao formular um problema⁶⁴, releva-se:

- tornar clara a condição negativa (um problema pode ser: uma situação ou estado negativo, uma má utilização de recursos, uma ameaça ou uma intenção de não perder uma oportunidade);

- identificar e precisar problemas actuais ou realmente potenciais (não nomear temas gerais como problemas).

Finalmente, um problema deve ser descrito com factos verificáveis, com existência amplamente aceite para que possam ser validados. E são suportados em factos, publicados ou recolhidos no contexto, permitindo que sejam previstas ou definidas fontes de verificação para a descrição construída.

INSTRUMENTO DE TRABALHO

		<p align="center">7º Curso Licenciatura em Enfermagem Ano Lectivo 2009/2010 INVESTIGAÇÃO IV</p>	
<p>Definição do Problema</p>			
Estudante:			
Instituição:			
Serviço:			
Título do Projecto:			
Explicitação sumária da área de intervenção e das razões da escolha (250 palavras):			
<p>Diagnóstico de situação</p>			
Definição geral do problema			
Análise do problema (contextualização, análise com recurso a indicadores, descrição das ferramentas diagnósticas que vai usar, ou resultados se já as usou – 500 palavras)			
Identificação dos problemas parcelares que compõem o problema geral (150 palavras)			
Determinação de prioridades			
Objectivos (geral e específicos, centrados na resolução do problema. Os objectivos terão que ser claros, precisos, exequíveis e mensuráveis, formulados em enunciado declarativo):			
<p><u>OBJECTIVO GERAL</u></p>			
<p><u>OBJECTIVOS ESPECIFICOS</u></p>			
Referências Bibliográficas (Norma da ESS)			
Data		Assinatura:	

Para apoiar a realização da primeira etapa, foi criada uma «ficha-tipo» com os elementos considerados relevantes, conforme imagem acima.

⁶⁴ Gestão Estratégica Pública . Metodologia de Diagnóstico de Situações, p. 64. Disponível em http://2009.campinas.sp.gov.br/rh/uploads/egds_material/txt_apoio_metd_diag_situacoes.pdf

III. Definição dos objectivos

Os objectivos apontam os resultados que se pretende alcançar, podendo incluir diferentes níveis que vão desde o geral ao mais específico.⁶⁵

Enquadrando os objectivos na metodologia de projecto, estes assumem-se como representações antecipadoras centradas na acção “*a realiza*”, ou seja, a determinação dos objectivos finais embora não seja sempre uma condição prévia temporal é irremediavelmente um ponto fulcral na elaboração de projectos de acção.⁶⁶

No processo de definição dos objectivos é necessário que os problemas identificados sejam descritos de forma sucinta de modo a delimitar o problema que o projecto visa resolver⁶⁷ para que possa ser clara a formulação de objectivos. Para tal, há que partir da formulação textual do problema (situação negativa), expressando-a como um estado positivo no futuro (objectivo).⁶⁸ Contudo, é importante ter em atenção que a formulação de certos problemas para objectivos poderá conduzir para resultados absurdos na prática ou discutíveis no plano ético, sendo, deste modo, útil encontrar uma forma de substituição ou transcrever textualmente o problema.⁶⁹

No que diz respeito ao momento e da definição dos objectivos existem algumas divergências entre autores. Alguns autores defendem que os objectivos não são definidos na fase da planificação, mas sim a medida em que o projecto se for desenvolvendo.⁷⁰ Por outro lado, P.E. Gingras afirma que “*a identificação dos objectivos é*

o ponto fulcral da planificação e do desenvolvimento” e que, segundo a OCDE “*a planificação seria cega*” sem a determinação dos mesmos.

Deste modo, é impossível levar até ao fim um acto de planificação sem se dispor de uma imagem clara dos objectivos, mesmo não estando completamente explícitos desde o início.⁷¹

É importante definir os objectivos consoante os diferentes níveis em que se enquadram. Mão de Ferro (1999) define objectivos gerais como enunciados de intenções que descrevem os resultados esperados. Ou seja, fornecem-nos indicações acerca daquilo que o formando deverá ser capaz de fazer após o seu percurso formativo.

Devem ser formulados tendo em conta os conhecimentos e capacidades a adquirir, dizendo geralmente respeito a competências amplas e complexas.

Além disso, permitem seleccionar conteúdos, eleger métodos e avaliar os progressos dos formandos.

Por sua vez, os objectivos específicos são indicadores de conhecimentos e aptidões que os formandos devem adquirir ao longo do seu processo formativo. Sendo o resultado da subdivisão de um objectivo geral mais vasto, em aprendizagens mais elementares.⁷²

O autor acrescenta que, a “*avaliação de um objectivo geral só é possível se este for traduzido em termos concretos e específicos, uma vez que garante maior objectividade aos resultados esperados, sobre a forma de comportamentos observáveis*”.⁷³

Neste sentido é possível relacionar o número de objectivos específicos com o grau de complexidade do objectivo geral, sendo-lhe directamente proporcional, ou seja quanto maior a complexidade maior o número de objectivos específicos de forma a diminuir a sua

⁶⁵ MÃO DE FERRO, António – *Na Rota da Pedagogia*. Lisboa: Edições Colibri, 1999. ISBN: 972-772-069-2.

⁶⁶ BARBIER, Jean-Marie – *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora, 1996. ISBN: 972-0-34106-8

⁶⁷ NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro – *Pedagogia dos Projectos: etapas, papeis e actores*. Tatuapé: Editora Érica, 2005. ISBN: 85-365-0078-6.

⁶⁸ BASTO, Herminia Ribeiro – *Ciclo do Projecto: Ficha Formativa nº6*. Lisboa: Instituto Marques de Valle Flôr, 2004. In http://www.esec-carlos-amarante.rcts.pt/giesca/docs/planificacao_TrabalhoProjecto.pdf (16/02/2010 18h02m)

⁶⁹ Idem

⁷⁰ LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro – *Trabalho de Projecto 1: Aprender por projectos centrados em problemas*. Porto: Edições Afrontamento, 1989. ISBN: 972-36-0216-4.

⁷¹ BARBIER, 1996.

⁷² MÃO DE FERRO, 1999

⁷³ Idem

subjectividade⁷⁴. Assim sendo, primeiro deve-se traçar os objectivos gerais e só depois os específicos.⁷⁵

No que diz respeito à formulação de objectivos específicos, é importante ter em conta não só as capacidades adquiridas pelo formando (comportamento esperado) mas também a forma como essas capacidades devem ser demonstradas (condições de realização) e avaliadas (critério de êxito).⁷⁶

É importante referir que a definição rigorosa e exacta dos objectivos de uma dada acção, permite evitar eventuais problemas no momento da avaliação dos mesmos, além de que permite orientar para os esforços necessários e meios disponibilizados para que estes sejam alcançados.^{77 78 79}

Como características dos objectivos do projecto, podemos definir que, os mesmos devem obedecer a alguns itens, sendo estes: claros; de linguagem precisa e concisa; em número reduzido; realizáveis; mensuráveis em termos de qualidade, quantidade e duração.⁸⁰

O objectivo deve ser possível de ser verificado após um curto prazo de tempo, normalmente entre 1 a 6 meses.⁸¹

Como tal, para que os objectivos específicos se apresentem bem formulados, claros e precisos, a sua construção deve englobar:

- (a) Definição do comportamento esperado, utilizando um verbo que exprima uma actividade que seja possível observar e identificando o formando como o sujeito;
- (b) Especificar as condições de realização, definido os meios disponíveis e informações fornecidas, etc;

- (c) Especificar os critérios de êxito, fazendo referência à quantidade a ser produzida, bem como o tempo disponível e possíveis erros.⁸²

Para complementar, P.E. Gingras afirma que “*consoante as situações de tempo e de recursos, temos de nos concentrar em determinados objectivos, fixar prioridades e estabelecer uma hierarquia de importância dos diversos objectivos*”. Neste sentido devemos ter em conta a exequibilidade, a admissibilidade e a acessibilidade dos objectivos.⁸³

Em suma, o processo de planificação de uma metodologia de projecto traduz-se na antevisão de uma imagem *finalizante* e na implementação das operações de formação, nomeadamente a definição de objectivos específicos e a determinação de prioridades permitindo deste modo obter “aquilo a partir do qual é produzido o resultado”.⁸⁴

Deverá ser elaborado um plano de acção para cada um dos objectivos identificados.⁸⁵

A determinação de objectivos por outro lado possibilita, através da intervenção dos actores implicados, direccionar a obra, sendo que o “ponto de chegada” são a determinação dos objectivos específicos da acção principal.⁸⁶

A planificação de um projecto resulta assim, sempre num compromisso entre os objectivos e os recursos, após múltiplas tentativas.⁸⁷

⁷⁴ Ibidem

⁷⁵ NOGUEIRA, 2005

⁷⁶ MÃO DE FERRO, 1999

⁷⁷ BARBIER, 1996

⁷⁸ MÃO DE FERRO, 1999

⁷⁹ NOGUEIRA, 2005

⁸⁰ GOUVEIA, Luís Manuel Borges – *Gestão de Projectos: Gestor de Projectos Informáticos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. s.d. In <http://homepage.ufp.pt/~lmbg/textos/mgp2.pdf> (16/02/2010 17h32m)

⁸¹ NOGUEIRA, 2005

⁸² MÃO DE FERRO, 1999

⁸³ BARBIER, 1996

⁸⁴ Idem

⁸⁵ NOGUEIRA, 2005

⁸⁶ BARBIER, 1996

⁸⁷ BASTOS, 2004

IV. Planeamento

O Planeamento “é a terceira fase do ciclo de vida do Projecto, em que é elaborado um plano detalhado do projecto cobrindo as várias vertentes da gestão: engenharia do software, calendarização das actividades, recursos necessários, riscos e qualidade” (MIGUEL, 2006).

Na fase de planificação do esboço do projecto, realiza-se o levantamento dos recursos, bem como as limitações condicionantes do próprio trabalho. Nesta fase são, também, definidas as actividades a desenvolver pelos diferentes elementos do grupo e, ainda, definidos os métodos e técnicas de pesquisa bem como o respectivo cronograma (HUNGLER et al, 2001).

No que diz respeito à calendarização das actividades, o desenvolvimento do cronograma do projecto, pode ser um processo interactivo que determina as datas de início e de fim planeadas para as respectivas actividades a desenvolver durante o projecto. Partindo desta permissa é importante ter em conta que o desenvolvimento do cronograma pode impôr a necessária revisão das estimativas de recursos e durações (MIGUEL, 2006).

Desta forma o desenvolvimento do cronograma apresenta-se como uma constante ao longo do projecto. A utilização de gráficos, esquemas e escalas são estratégias facilitadoras para uma maior clareza e compreensão do planeamento (MIGUEL, 2006).

De salientar que a utilização e escolha das actividades, meios e estratégias a realizar coadunam directamente com os objectivos previamente alicerçados (MIGUEL, 2006). As actividades, meios e estratégias são parte integrante do planeamento, razão pela qual é fundamental definir e explorar os respectivos conceitos.

Actividades

Por actividade entende-se “o elemento de trabalho realizado no decurso de um projecto. Uma

actividade normalmente possui uma duração esperada, um custo esperado e requisitos esperados de recursos. As actividades podem ser subdivididas em tarefas” (MIGUEL, 2006).

No que diz respeito às actividades é importante salientar que estas apresentam um variado leque de possibilidades de intervenção, nomeadamente (HUNGLER et al, 2001):

- Realização de posters;
- Realização de folhetos informativos /ilustrativos;
- Realização de sessões de Educação para a Saúde;
- Realização de propostas para elaboração de normas;
- Realização de propostas para a elaboração de protocolos;
- Realização de sessões de visionamento de filmes educativos;
- Realização de sessões de role-playing;
- Realização de sessões de brain storming;
- Realização de sessões;
- Realização de actividades ao ar livre;
- Realização de actividades de grupo educativas;

Em todas estas actividades, enfermeiros e estudantes de enfermagem, têm um papel fundamental enquanto profissionais futuros profissionais com competências de pesquisa que poderão proporcionar contributos fundamentais para o avanço da prática de enfermagem.

Aprender sobre os métodos de pesquisa de informação e sobre a investigação em geral permite, não só, uma melhor avaliação, mas também, a síntese de nova informação, ou seja, ser um consumidor de investigação inteligente.

Estratégias

As estratégias referem-se à utilização dos meios definidos no planeamento, ou seja, estas estão relacionadas com o conceito de eficiência

nomeadamente a capacidade de aplicar correctamente a tarefa (RODRIGUES, 2003).

As estratégias têm como objectivo principal utilizar de forma eficaz os recursos, envolve por isso decisões ligadas ao projecto de um processo e à infraestrutura necessária para apoiá-lo (AQUILANO *et al*, 2006). As estratégias aplicáveis a um projecto derivam em grande parte das estratégias utilizadas no método de investigação científico, pelo que são uma planificação vital para a realização de todo o projecto (FORTIN, 1999). Estas estratégias centram-se essencialmente na utilização dos recursos disponíveis, no método seleccionado para a execução do projecto e na articulação entre os diversos membros que integram o projecto (FORTIN, 1999).

Os recursos disponíveis podem ser referentes à pesquisa (bases de dados electrónicas, artigos ou livros) ou às capacidades individuais de cada membro da equipa (a nível informático, da pesquisa, sintetização de informação, análise de situação e planificação), bem como os meios de suporte disponíveis (FORTIN, 1999). A definição da estratégia para a pesquisa é essencial no sentido de precisar ou restringir a mesma, procurando limitar-se a informação relativa ao domínio da investigação. É necessário que a equipa proceda à definição clara do domínio ou questão de investigação e destaque as palavras-chave ou conceitos sobre os quais a mesma incidirá. Após este processo, é construída a estratégia para a pesquisa da informação. A título de exemplo, numa pesquisa informatizada é necessário utilizar as anotações e permutações das bases de dados, de forma a identificar a correspondência entre os títulos e os termos delineados. Nestas pesquisas, ao utilizar outros tipos de operadores (booleanos), as palavras-chave devem ser ligadas por termos como *or* ou *and*, de forma a ampliar ou precisar a pesquisa, respectivamente. Estas estratégias devem ser utilizadas com o objectivo de garantir a viabilidade, fidelidade e especificidade das pesquisas efectuadas (FORTIN, 1999).

A articulação entre os membros, a divisão de trabalho por etapas realizáveis (ou em tarefas definidas para cada um dos membros) e a uma boa

gestão de tempo, com a imposição de prazos e do estabelecimento de metas são fundamentais durante a planificação estratégica do trabalho (FORTIN, 1999).

É importante considerar como estratégia a adequação das diferentes capacidades individuais de cada membro da equipa de projecto aos objectivos a atingir com o projecto, rentabilizando melhor o tempo disponível e para atingindo melhores e mais rápidos resultados (FORTIN, 1999).

É igualmente necessário realizar uma avaliação do progresso do trabalho e verificar se a estratégia utilizada na sua realização é viável. Assim, é possível delinear novas estratégias para combater os aspectos menos favoráveis (FORTIN, 1999).

Todo o planeamento tem de decorrer ao longo do tempo e para isso deve existir uma representação gráfica ou esquemática desse mesmo período, um cronograma de actividades. Utilizam-se muitas vezes os gráficos de Gantt.

Meios

Os meios consistem “na determinação de quais os recursos - pessoa, equipamentos, materiais-necessários, e em que quantidades, para a realização das actividades do projecto” (MIGUEL, 2006). Para a elaboração de um projecto, deverão ser seleccionados e aplicados diferentes meios, cabendo ao investigador determinar quais os mais convenientes ao seu objectivo de estudo, às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas. Estes meios consistem nos recursos a que se pode ter acesso para a realização do projecto que vai depender do tipo de estudo em questão (FORTIN, 1999).

Os meios são ainda responsáveis pela conclusão efectiva das actividades do projecto. Estes podem estar organizados em meios humanos, técnicos, materiais e financeiros (CHASE e AQUILANO, 1995). Os meios humanos dizem respeito à criação de uma equipa, que apresente um conjunto de conhecimentos e de competências, e terá como objecto de estudo uma população-alvo. Deve existir confiança traduzida em relações profissionais

sinceras e autênticas; existir respeito recíproco entre elementos e reconhecimento das competências específicas; existir consenso quanto aos objectivos a atingir, definindo-os com precisão desde o início; distribuir as tarefas consoante as capacidades de cada elemento da equipa de tal modo que todas as actividades do projecto fiquem asseguradas (CHASE e AQUILANO, 1995).

Os meios materiais e técnicos estão relacionados com os equipamentos e tecnologias utilizadas na realização do projecto. São exemplos destes meios a entrevista, os questionários, as escalas de medida, o formulário de avaliação física, psicológica e social (FORTIN, 1999).

Por fim, os meios financeiros consistem nos recursos económicos disponíveis e que podem ser utilizados no financiamento do projecto e de todas as actividades que lhes estão associadas. Devem existir com elevado rigor e, também, com alguma margem de segurança os valores necessários para a concretização dos objectivos estabelecidos, ao mesmo tempo que também é muito importante encontrar fontes de financiamento fiáveis (CHASE e AQUILANO, 1995).

Referências Bibliográficas

ANDERSEN, Erling; GRUDE, Kristoffer *et al* – “Goal Directed Project Management”.3ª Edição. London: Kogan. 2009. ISBN 0-7494-4186-0

AQUILANO, Nicholas J; CHASE, Richard B.; JACOBS, F. Robert – “Administração da Produção e Operações para Vantagens Competitivas”. 11º Edição. McGraw-Hill Interamericana. 2006. ISBN 85 – 86804-69-x

CHASE, Richard; AQUILANO, Nicholas - " Gestão da produção e das operações - perspectiva do ciclo de vida". Lisboa: Monitor. 1995 ISBN 972-9413-25-8.

FORTIN, Marie Fabienne – “O processo de Investigação - da concepção à realização”; Lusociência, Loures 1999. ISBN: 972-8383- 10-x

GRAIG, Jean; SMYTH, Rosalind – “Prática Baseada na Evidência”. Loures: Lusociência. 2004 ISBN 972-8383-61-4

HUNGLER, Bernadette; BECK, Cheryl *et al* – “Nursing Research: Methods, Appraisal, and Utilization”. Philadelphia: Lippincott, 2001. ISBN 0- 7817-2557-7

MIGUEL, António – “Gestão moderna de Projectos: Melhores Técnicas e Práticas”. 2ª Edição. FCA, Lousã 2006. ISBN 972-722-502-0

POLIT, Denise; BECK, Cheryl – “Nursing Research: Principles and Methods”. 7ª Edição. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 2004. ISBN 0-7817-3733-8

RODRIGUES, Jorge – “Planeamento e Controlo de Gestão”. Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Ciências Empresarias, 2003.

INSTRUMENTO DE TRABALHO


 Curso Licenciatura em Enfermagem
 Ano Lectivo 2009/2010
 INVESTIGAÇÃO IV

Planeamento do Projecto

Estudante:		Orientador:			
Instituição:		Serviço:			
Título do Projecto:					
Objectivos (geral específicos, centrados na resolução do problema. Os objectivos terão que ser claros, precisos, exequíveis e mensuráveis, formulados em enunciado declarativo, já discutidos com o professor e o orientador):					
OBJECTIVO GERAL					
OBJECTIVOS Específicos					
Identificação dos profissionais do serviço com quem vai articular a intervenção (chefia directa, orientador, outros elementos da equipa, outros profissionais, outros serviços)					
Objectivos Específicos	Actividades/Estratégias a desenvolver	Recursos			Indicadores de Avaliação
		Humanos	Materiais	Tempo	
Cronograma:					
Orçamento:					
<i>Recursos Humanos:</i>					
<i>Recursos Materiais:</i>					
Previsão dos constrangimentos e forma de os ultrapassar:					

Data ___/___/____ Assinatura: _____ Docente: _____

V. Execução

A etapa da **Execução da Metodologia de Projecto** materializa a realização, colocando em prática tudo o que foi planeado.

Neste sentido, o que anteriormente era somente um real construído mentalmente, um “esboço de desejo”, começa a tornar-se numa situação real construída (CARVALHO *et al.*, 2001; NOGUEIRA, 2005).

Esta fase assume uma importância significativa para o(s) participante(s) do projecto dado que possibilita a realização das suas vontades e necessidades através das acções planeadas.

A ruptura entre o real mental e o real construído coloca ao(s) participante(s) diversos problemas que, ao serem resolvidos, podem potencializar o(s) seu(s) leque(s) de competências (NOGUEIRA, 2005).

Na fase em estudo, é necessária a procura de dados, informações e documentos que contribuam para a resolução do problema seleccionado, segundo a divisão de tarefas e a gestão do tempo previamente estabelecidos (CASTRO *et al.*, 1993). Implica assim, a mobilização de meios, situando-se nas realidades representadas. A Execução “é já transformadora” (CARVALHO *et al.*, 2001).

Caso ocorram alterações ao planeado, estas devem ser estudadas e deverão ser colocadas em prática medidas de recuperação para que os objectivos do projecto não se encontrem comprometidos. Decorrentes das reformulações ao plano inicial podem surgir consequências indesejáveis que, por vezes, tornam-se inevitáveis perante contratempos imprevisíveis (RAMOS, 2008).

Na Execução é assumida uma praxeologia que possibilita a evidência dos princípios que norteiam a acção e a sua eficácia, isto se consideramos que a Execução foi transformadora como resultado duma análise da experiência (CARVALHO *et al.*, 2001)

Nesta etapa são recolhidos dados nos contactos com a realidade envolvente bem como no âmbito teórico, em contexto social, político, cultural, institucional, entre outros (LEITE *et al.*, 1989).

As técnicas possíveis para o seu desenvolvimento incluem a observação directa, entrevistas, questionários, recolha e consulta de documentos, registos escritos, fotografias e diapositivos, gravações áudio ou vídeo e recolha de objectos ou amostras (CASTRO *et al.*, 1993).

É de extrema importância a participação do orientador, uma vez que este pode disponibilizar recursos materiais e humanos imprescindíveis para o processo de execução de projecto.

Nesta fase, o orientador exerce o seu papel de elemento activo e participante do grupo, recordando que o projecto não é apenas dos participantes mas dele também. Desta forma, o orientador não se limita a auxiliar, mas igualmente a investigar, descobrindo respostas aos problemas levantados inicialmente, desenvolvendo capacidades e aprendendo com os participantes (NOGUEIRA, 2005).

O papel do professor num projecto é o de coordenador e de informador, intervindo a pedido ou por sua própria iniciativa à medida que o trabalho avança (LEGRAND, 1982).

Este papel é delicado visto que exclui qualquer tipo de abandono ou de desmotivação por parte do professor. Assim, este deve saber incitar, esperar e intervir quando a situação está madura para essa intervenção. O professor resume e formaliza a regra do jogo no final das discussões, indica as fontes de informação e a sua preparação acompanha a actividade e segue as suas evoluções.

Após recolhidos, os dados são tratados e prepara-se a acção a desenvolver, tendo como finalidade a resolução do problema levantado (LEITE *et al.*, 1989).

A fase da Execução, embora seja a mais trabalhosa, é a mais proveitosa. Neste sentido, o orientador deve ter em atenção a motivação dos participantes e deve envolver cada um deles, de forma a promover o seu papel activo no processo, dado que a motivação intrínseca surge somente quando o sujeito se encontra activo na acção e no meio (NOGUEIRA, 2005).

De acordo com o autor supracitado, empenhados no processo de criação e execução, torna-se importante que os participantes se sintam apoiados pelo orientador dado que as dúvidas são constantes e na ausência do orientador, o grupo pode perder o sentido na elaboração e concretização do projecto. Assim, o orientador deve assumir uma posição de mediador, “ocupando o papel não daquele que dá, mas daquele que propicia”.

Na fase da elaboração, são esperados muitos resultados, nomeadamente em termos de aprendizagem, resolução de problemas e

desenvolvimento de competências. Segundo Smole (1996) “a elaboração e a execução de um Projecto encontram-se necessariamente ligadas a uma investigação – acção que deve ser simultaneamente um acto de transformação, uma ocasião de investigação e de formação, tornando-se portanto, uma produção intelectual” (NOGUEIRA, 2005:84).

Nesta fase é esperado que o interesse seja uma constante, dado que, quanto maior for o interesse, maior será todo o processo de pesquisa, experimentação, descoberta e, por conseguinte, a potencialização das diferentes competências (NOGUEIRA, 2005).

VI. Avaliação

Na avaliação de um Projecto, podem distinguir-se vários momentos. Nesse sentido, serão abordadas a avaliação intermédia/depuração, realizada em simultâneo com a execução do projecto, e a avaliação final do mesmo, com a avaliação do processo e produto do Projecto.

Para que se possa avaliar de modo rigoroso é fundamental recorrer a instrumentos de avaliação que não apresentam todos as mesmas características. Assim, no final do presente capítulo, serão ainda abordados, de modo sucinto, alguns instrumentos de avaliação e referidas as três características básicas que os instrumentos de avaliação devem possuir. As avaliações são momentos onde se questiona o trabalho desenvolvido, sendo que podem estar ou não previstos. Os questionários elaborados, as entrevistas com o orientador, as discussões em grupo, entre outros,

constituem algumas formas de operacionalizar a avaliação (LEITE *et al.*, 1989).

A avaliação é permanente, devendo ser feita ao longo do Projecto de Investigação? (LEITE *et al.*, 1989). Uma das características da Metodologia de Projecto é precisamente o facto da avaliação ser contínua (LEITE *et al.*, 1993), e permitir uma retroacção com vista a facilitar a redefinição da análise da situação, a reelaboração dos objectivos, acção e selecção dos meios, bem como a análise dos resultados (CARVALHO *et al.*, 2001).

De acordo com estes autores, a avaliação deve fornecer os elementos necessários para intervir no sentido de melhorar a coerência (relação entre o projecto e o problema), a eficiência (gestão dos recursos e meios atendendo aos objectivos) e a eficácia (relação entre a acção e os resultados).

Existem quatro tipos de avaliação: a operatória (“orienta para a acção e tomada de decisão”), a permanente (desenvolvida ao longo do Projecto e possibilita a existência de meios de regulação); a participante (associa todos os elementos que participam no processo às práticas de avaliação, facilitando a troca de experiências e resultados) e a formativa (cria as condições para aprendizagens mútuas) (CARVALHO *et al.*, 2001). Por exemplo, é na avaliação operatória que se utilizam os indicadores de avaliação traçados na etapa de planeamento.

O processo de avaliação na dinâmica de projecto é complexo e implica a contemplação de várias vertentes de análise e reflexão. A forma e as ferramentas que serão utilizadas devem ser definidas inicialmente, tendo em vista que as melhores formas de avaliar os projectos são as de cunho qualitativo (NOGUEIRA, 2005).

Na Metodologia de Projecto, o processo é tão importante quanto o produto realizado (CASTRO *et al.*, 1993). No processo, são preponderantes para a avaliação, as competências relacionadas com a gestão e com a resolução de problemas. Numa “avaliação mínima” devem ser contemplados alguns aspectos como as circunstâncias do trabalho, pertinência dos percursos, relação entre a previsão/realização (sendo que o desequilíbrio pode dever-se a uma insuficiente realização para o tempo previsto e vice-versa) e análise das estratégias adoptadas na execução (LEITE *et al.*, 1993).

Segundo os autores citados, na pedagogia do Projecto, deve evitar-se a pedagogia da previsão, ou seja, imposição, pelo orientador, do tema e do projecto que ele próprio concebeu. Por outro lado, o orientador também não deve deixar o(s) participante(s) entregue(s) à sua completa liberdade individual, mas sim, deve assumir uma postura de orientador e acompanhar na elaboração do projecto. Na verdade, a pedagogia do Projecto é interactiva, pois perspectiva o orientador e o(s) participante(s) como sujeitos proactivos. Ambos têm ideias e desenvolvem acções, possivelmente divergentes, sendo que é através do confronto de ideias que advêm benefícios na qualidade das acções desenvolvidas. Não me parece que se coadune aqui na avaliação

A avaliação como processo dinâmico implica a comparação entre os objectivos definidos inicialmente e os objectivos atingidos. Nesse sentido, a avaliação deve ser rigorosa (NOGUEIRA, 2005).

Avaliação intermédia ou de depuração

A avaliação intermédia constitui um momento de pausa e de reflexão sobre o percurso desenvolvido até ao momento (CASTRO *et al.*, 1993). Esta avaliação, também designada de depuração, é desenvolvida em simultâneo com a etapa da Execução.

Nesta avaliação, são realizadas as primeiras críticas sobre o trabalho elaborado e realizados os ajustes necessários. Nesta etapa deve questionar-se sobre o trabalho realizado até ao momento, grau de satisfação, sugestões para possíveis melhorias e actividades que, apesar de não estarem planeadas, podem revelar-se pertinentes para o Projecto no decorrer do trabalho no terreno. É fundamental que o(s) participante(s) entenda(m) que pode(m) (re) planejar, (re) elaborar; (re) produzir; criar novas hipóteses; mudar de percursos e processos. Portanto, nada num projecto é estático (NOGUEIRA, 2005).

Uma ideia importante a ter em consideração é a de que, nesta fase é frequente ainda não se ter produzido muito, pelo que é essencial que os elementos que integram a equipa do Projecto não desanimem. Aliás, por vezes, é nesta fase de avaliação intermédia que surgem “ideias brilhantes”, que apontam o caminho a trilhar com o material recolhido (CASTRO *et al.*, 1993).

O papel do orientador é importante na depuração. Na verdade, o orientador pode questionar o(s) participante(s) sobre a quantidade e qualidade dos dados obtidos para o produto final, promovendo a inclusão dos conteúdos ainda não abordados; questionar sobre a pertinência e a relevância dos itens do projecto, questionar o participante sobre alterações; e avaliar se o(s) participante(s) está(estão) a apreciar o produto produzido até ao momento. O orientador acompanha constantemente o(s) participante(s), auxilia-o(s) com os recursos humanos e materiais e orienta a parte procedimental. Esse acompanhamento, para além

de promover o ajuste de hipóteses e a correcção de rotas, facilita o desenvolvimento de um olhar mais crítico, o que pode ter benefícios na qualidade e no aprofundamento dos temas em questão (NOGUEIRA, 2005).

No final, pode ser benéfica a elaboração de um relatório breve com a inclusão dos seguintes aspectos: subtema tratado, nome dos participantes na sessão, processo de recolha das informações, principais resultados obtidos até ao momento e as conclusões sumárias (CASTRO *et al.*, 1993).

Avaliação final

No final do Projecto, a avaliação tem um papel preponderante. Esta avaliação deve ser globalizante, ou seja, deve avaliar o produto final (LEITE *et al.*, 1989).

A Avaliação final pode assumir várias formas, nomeadamente, “a verbalização em grupo e/ou individualizada, anónima ou personalizada, espontânea ou segundo modelos previamente elaborados”. A escolha é feita pelo orientador com a participação ou não do grupo e conforme os objectivos da avaliação (LEITE *et al.*, 1989: 80).

Avaliar um Projecto implica a verificação da consecução dos objectivos definidos inicialmente. Para fazer essa avaliação pode ser importante ter um método de verificação da consecução dos objectivos. Assim, podemos ter uma lista dos objectivos iniciais e verificar se cada um foi atingido. Em caso positivo, torna-se necessário questionar a pertinência desse objectivo, ou seja, questionar se atingir o objectivo foi útil ao processo ou se, após o término do projecto, constata-se que o mesmo não era relevante, e quais as possíveis justificações.

Caso o objectivo não tenha sido atingido, é necessário perceber quais os factores que influenciaram a ausência de consecução do objectivo e quais as consequências da mesma. Neste sentido, devem ser delineadas possíveis estratégias que promovam a sua consecução (NOGUEIRA, 2005). Segundo este autor, na avaliação do Projecto, deve ser feita uma reflexão sobre os ajustes que poderão ser feitos após o Projecto; avaliar se as respostas encontradas

respondem à problemática inicial; identificar os pontos positivos e negativos do Projecto; e identificar as pistas que a elaboração do Projecto suscitou e que podem constituir temáticas de análise para Projectos futuros.

O registo do projecto mediante a leitura e reflexão crítica promove igualmente a identificação de pistas para Projectos futuros, percursos alternativos ou estratégias. Nogueira defende ainda que, para além da avaliação dos objectivos atingidos, é importante a elaboração de grelhas de avaliação relativas à participação e papel desempenhado pelos vários elementos envolvidos no Projecto, nomeadamente o tipo de participação, bem como os contributos para o Projecto. Embora a avaliação deva ser objectiva e rigorosa, é essencial que cada elemento possa dar o seu parecer sobre o percurso desenvolvido, concretamente as expectativas, satisfação, aquisições, interesses, momentos mais e menos apreciados e sugestões de melhoria do Projecto e ideias para Projectos futuros.

A avaliação das aprendizagens suscitadas deve ser igualmente avaliada, pelo que devem ser definidas ferramentas específicas.

A **avaliação formativa** contempla também a avaliação e a análise crítica. Estas são realizadas em conjunto, após a apresentação do Projecto. A fase de avaliação e crítica conjuntamente consiste, na prática, na reunião dos participantes e respectivos orientadores, geralmente na mesma sala, numa disposição em círculo.

A sessão é mediada pelo orientador ou por um elemento seleccionado previamente. Cada elemento deve avaliar o seu projecto e fazer autocriticas, no sentido de responder ao que faria para melhorar a qualidade do seu Projecto e dos seus resultados. Para além disso, deve fazer uma introspecção sobre a sua participação no processo, modos de participação e o que poderia ter feito para colaborar mais, entre outros. Geralmente, nesta fase de introspecção, o participante tem consciência dos seus “erros” e isso, promove a reflexão pessoal sobre possíveis estratégias a implementar para eliminar/minimizar os “erros” ou aspectos menos bem conseguidos (NOGUEIRA, 2005).

Seguindo o mesmo autor, à **autoavaliação**, segue-se a **hetero-avaliação**, ou seja, os restantes elementos e orientadores devem fazer uma avaliação dos Projectos dos restantes elementos.

É importante que todos tenham a consciência de que as críticas devem ser construtivas e que o seu principal contributo é o de promover a melhoria de Projectos futuros, mediante o reconhecimento, análise e aceitação dos possíveis “erros”. Por outro lado, este feedback construtivo promove ainda o desenvolvimento de competências pessoais relacionadas com o senso crítico, importantes para a cidadania.

Instrumentos de avaliação

Podem ser usados vários instrumentos de avaliação para a definição e desenvolvimento de Projectos. Os instrumentos podem ir desde a observação “desarmada”, até aos meios onde a informação é recolhida de forma indirecta (CARVALHO *et al.*, 1997). De acordo com os autores mencionados, são vários os factores que influenciam a selecção dos instrumentos de avaliação, nomeadamente os objectivos e o tipo de informação a recolher, o momento em que a avaliação é feita, as competências dos elaboradores do instrumento, o tempo e as verbas disponíveis, bem como a forma de tratar os dados obtidos.

De acordo com BRISSOS (2004), no sector da saúde é evidenciada a falta de adequação dos instrumentos utilizados de forma a atingir os objectivos propostos. Desta forma, torna-se necessária uma reflexão sobre a consecução dos resultados.

Na **observação** “desarmada”, observam-se os comportamentos directos dos sujeitos, sendo que se pode optar pela implementação de registos de acontecimentos (*events record*). Pode elaborar-se igualmente uma lista de verificação dos comportamentos (*check list*), sendo que os comportamentos a avaliar dependem dos objectivos e do propósito do Projecto (CARVALHO *et al.*, 1997).

As formas indirectas de observação podem ter um formato mais aberto, nomeadamente entrevistas e questionários mais abertos, ou um formato mais fechado, como questionários e inquéritos fechados. A grande diferença situa-se na relação directa que é

estabelecida na entrevista ou no uso de um impresso como mediador entre o indivíduo e a obtenção de dados, como é o caso dos questionários (CARVALHO *et al.*, 1997).

Segundo estes autores, os **questionários** podem assumir diversos formatos, de acordo com a liberdade que é conferida ao indivíduo na elaboração da sua resposta ou na graduação da respectiva intensidade.

Os questionários mais abertos permitem uma maior liberdade nas respostas dadas e assemelham-se mais à entrevista, neste caso à entrevista dirigida, possibilitando uma maior atenção à pessoa e “personalização” das respostas. Contudo, não são adequados para amostras grandes e para avaliar variáveis dependentes que sejam facilmente quantificadas e tratadas estatisticamente, dado que a sua aplicação dificulta a análise do conteúdo das respostas.

A **entrevista** é um meio bastante utilizado para recolher dados relativos a opiniões e necessidades ou para conhecer melhor as pessoas, as suas relações e dos seus grupos de pertença, podendo ser feitas em grupo ou individualmente. É importante referir que, após cada entrevista individual, pode ser pertinente a entrevista em grupo, pois esta permite uma boa síntese (mais completa e compreensiva) das entrevistas feitas individualmente (CARVALHO *et al.*, 1997).

Quando se pretende uma análise qualitativa ou estudos de caso e ainda a avaliação dos sentimentos e reacções dos sujeitos, as suas interacções e percepções, as entrevistas e os questionários mais abertos constituem as melhores opções (CARVALHO *et al.*, 1997).

A realização da entrevista implica a recolha prévia de bastante informação sobre os conteúdos a abordar, uma versão prévia das questões, sendo que estas devem reflectir os objectivos visados e serem adequadas às características da população-alvo. O tempo previsto deve ser definido inicialmente. Para se poder realizar a entrevista, é necessário que os indivíduos entrevistados tenham dado o consentimento livre e esclarecido.

Na entrevista, há o risco dos indivíduos responderem ao que percebem que seja a resposta mais adequada, por outro lado, as respostas podem ser afectadas pelo clima de empatia estabelecido. As respostas devem ser analisadas atendendo ao contexto em que a entrevista decorreu e não se deve separar o discurso verbal, da comunicação não verbal e a situação. Depois da entrevista gravada, esta tem de ser passada a limpo e, com base no *verbatim*, analisar os dados obtidos conforme a literatura consultada previamente e os objectivos da mesma (CARVALHO *et al.*, 1997). Os autores referem que os questionários mais fechados são adequados para situações mais objectivas e delimitadas no tempo.

As **escalas de avaliação** têm ganho cada vez mais importância no âmbito das ciências sociais e na psicologia. Dentro desta categoria encontram-se as escalas de formato tipo *linkert*. Nesta escala, o indivíduo “pode responder ao item através de uma escala gradual de pontos ou intervalos de acordo com o seu posicionamento pessoal na questão” (CARVALHO *et al.*, 1997: 63).

Os autores mencionam ainda que, o número adequado de posicionamentos é de cinco, desde totalmente em acordo, até totalmente em desacordo. Cinco posições são o ideal, pois à medida que aumenta o número de posicionamentos, aumenta também a dispersão dos dados, o que dificulta a análise das respostas obtidas. Nas escalas de ordenação (*raking scales*), o indivíduo ordena um conjunto de afirmações relativas a determinado assunto, de acordo com o grau crescente ou decrescente de importância.

Em termos latos, a avaliação tem em vista a recolha de informação para ajudar na tomada de decisão ou apreciar a justiça das decisões tomadas. Assim, os instrumentos devem permitir resultados válidos para se atingir essa finalidade genérica da avaliação. Os instrumentos devem possuir assim, três características básicas: Sensibilidade, Fidelidade e Validade (CARVALHO *et al.*, 1997).

A **Sensibilidade** designa o grau de diferenciação dos resultados individuais nas dimensões comportamentais avaliadas. O instrumento será tanto mais sensível, quanto maior for a sua capacidade de diferenciar dois

indivíduos muito próximos, mas mesmo assim diferentes na dimensão avaliada. O objectivo não é graduar indivíduos ou grupos, mas sim, comportamentos ou diferentes condutas. No caso da avaliação de competências relacionadas com a destreza, aptidão ou conhecimentos, os itens não devem ser, nem muito fáceis, nem muito difíceis, na medida em que o seu poder discriminativo seria nulo.

A **Fidelidade** encontra-se relacionada com o rigor e estabilidade da informação recolhida. No caso da observação participante, a mesma grelha de avaliação de comportamentos deveria produzir os mesmos resultados, caso fosse implementada por dois observadores diferentes, em idênticas circunstâncias. A clareza dos comportamentos a avaliar, as condições em que a observação é feita e o treino dos próprios observadores podem ser factores que influenciam os resultados.

De referir que as condições psicológicas em que os sujeitos responderam a um questionário ou entrevista podem afectar as respostas, retirando a confiança que se procura nos resultados obtidos.

No caso dos questionários, é fundamental que os inquiridos entendem as questões da mesma forma, ou ainda da maneira como os seus “construtores” as conceberam. Só após se ter obtido a igualdade de estímulos iniciais é que se torna possível estabelecer uma relação entre as respostas obtidas e as características de personalidade dos indivíduos (CARVALHO *et al.*, 1997).

Os autores referidos defendem que, para contrariar o impacto do “erro de medida” na avaliação, podem adoptar-se algumas estratégias, nomeadamente a elaboração e testagem prévia das questões, o treino dos avaliadores (principalmente na entrevista, dado o efeito do entrevistador), a descrição clara e precisa das dimensões do comportamento a avaliar.

Por fim, a terceira característica está relacionada com a **Validade** dos instrumentos. A validade tem duas dimensões: a externa que designa o valor da informação obtida para a prática e para as decisões a tomar e a dimensão interna, ou seja, a abrangência dos

conteúdos abordados e em que medida reflectem o domínio que se pretende avaliar – validade de conteúdo. De um modo sucinto, para a avaliação da validade de um instrumento, torna-se necessário questionar se o instrumento avalia de facto aquilo que pretende avaliar, isto é, se é um bom indicador do aspecto a avaliar (CARVALHO *et al.*, 1997)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARIA, Maria Helena – *Métodos de Pesquisa de Informação: Área Disciplinar de Investigação e Estatística*. 2ª Edição. Escola Superior de Saúde de Setúbal: [s.n.], Novembro de 2005. ISBN: 972-8431-24-4.
- CARVALHO, Angelina; DIOGO, Fernando – *Projecto Educativo*. 4ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 2001. ISBN: 972-36-0349-7.
- CARVALHO, Adalberto Dias; ALMEIDA, Leandro S. – *A Construção do Projecto Escola*. Porto: Porto Editora, 1997. ISBN: 972-0-34203-X.
- CASTRO, Lisete Barbosa; RICARDO, Maria Manuel Calvet – *Educação hoje: Gerir o trabalho de Projecto. Um Manual para Professores e Formadores*. 3ª Edição. Lisboa: Texto Editora, 1993. ISBN: 972-47-0396-7.
- CASTRO, Lisete Barbosa; RICARDO, Maria Manuel Calvet – *Gerir o trabalho de Projecto: Guia para a flexibilização e revisão curriculares*. 7ª Edição. Lisboa: Texto Editora, 2002. ISBN: 972-47-1725-9.
- FORTIN, Marie-Fabienne – *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência, 1999. ISBN 972-8383-10-X
- LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro – *Trabalho de Projecto: 1- Aprender por objectivos centrados nos problemas*. 2ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 1989. ISBN: 972-36-0216-4.
- LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro – *Trabalho de Projecto: 2. Leituras Comentadas*. 3ª Edição. Porto: Edições Afrontamento, 1993. ISBN: 972-36-0238-5.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro – *Pedagogia dos Projectos. Etapas, papéis e atores*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Erica, 2005. ISBN: 85-365-0078-6.
- Legrand em 1982, contido em Leite ,Malpique e Santos (1990). *Trabalho deProjecto – Leituras Comentadas 2*. Edições Afrontamento. Pag 37

REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

- BRISSOS, Maria Adelaide - *O Planeamento no contexto da imprevisibilidade: algumas reflexões relativas ao sector da saúde*. 2004.
http://www.observaport.org/NR/rdonlyres/e6e9e2wh622o2dpcab47ex5qwydigq5dgupl6q3ls2breouumm6vdbmsyz7bexlygqehyusnuqiouk/planeamento_contexto.pdf. 22 de Fevereiro de 2010: 16:53.
<http://static.blogstorage.hi-pi.com/photos/serendipismo.bloguepessoal.com/images/gd/1206634917/Avaliacao-e-educacao.jpg>. 10 de Dezembro de 2009:19:42.

ORDEM dos Enfermeiros – *Investigação em Enfermagem: Tomada de Posição*, 2006. Disponível em: http://www.ordemenfermeiros.pt/images/contents/uploaded/File/sedestataques/OE_InvestigEnfermPosCDTomadadePosiacao2604.pdf (14.12.09; 18:25).

RAMOS, Sérgio – *Introdução à Metodologia do Trabalho de Projecto*. 2007. http://agpjmagalhaes-m.ccems.pt/file.php/1/Manuais_do_Moodle/TIC-Metodologia-Projecto_1_.pdf. 10 de Dezembro de 2009:14.22.

RUIVO, Maria Alice – *Guia de Investigação IV*. Documento de apoio à Unidade Curricular de Investigação IV. 2009.

VII. Divulgação dos resultados – relatório final

A metodologia de **Trabalho de Projecto** insere-se no movimento de educação progressista, associado ao pensamento de John Dewey⁸⁸. De acordo com estes autores, o mencionado movimento defende:

- (1) o experimentalismo;
- (2) o apelo ao interesse do estudante;
- (3) a preocupação de ligar a educação a objectivos pragmáticos e práticos e
- (4) o reconhecimento de diferenças individuais no ritmo de aprendizagem.

A metodologia de projecto foi teorizada por William H. Kilpatrick, num artigo intitulado *“The Project Method”* publicado no ano de 1918. Em Portugal, a metodologia em apreço foi divulgada⁸⁹ pela Comissão Instaladora de um Curso para Formação de Formadores (CICFF) e pela Escola Superior de Educação de Estocolmo, num seminário que decorreu no Porto, em Fevereiro de 1978.

No que concerne à metodologia⁹⁰ de projecto, esta é centrada no estudo de problemas e envolve trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder a problemas com enfoque social.

Desta forma, concluímos que a metodologia do trabalho de projecto consiste na *“adopção de um conjunto de procedimentos, técnicas e instrumentos com vista a atingir os objectivos do projecto”*⁹¹

A metodologia em apreço engloba três principais fases, nomeadamente a fase de estudos, a fase de planeamento e a fase de realização. Na *Tabela 1*, podem ser consultadas as actividades desenvolvidas em cada uma das fases enunciadas.

Fases da Metodologia de Projecto	
Fase de Estudos	Consiste numa fase preliminar, na qual se realiza a recolha de informações de interesse sobre o assunto do projecto.
Fase de Planeamento	Com base nas informações adquiridas na fase anterior, estabelece-se a estratégia do projecto, identificam-se os recursos e calendarizam-se as tarefas a desenvolver.
Fase de Realização	Nesta fase são executadas as tarefas definidas no plano de projecto. Para tal é necessário mobilizar os recursos humanos e materiais.

Tabela 1 - Fases da Metodologia de Projecto
Fonte: Adaptado de RAMOS, 2007, pp.9

Segundo SCHIEFER *et al* (2006), um projecto pode ser encarado por várias perspectivas, nomeadamente na perspectiva de cada um dos diferentes intervenientes, ou seja, a perspectiva do próprio **projecto**, a perspectiva da **organização** que conduz o projecto, a perspectiva do **grupo-alvo** e a perspectiva das **outras organizações** que são afectadas pelo projecto ou que possuem alguma influência sobre o projecto.

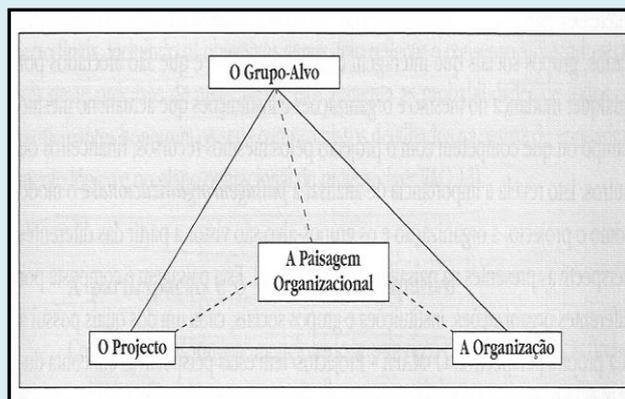


Fig. 1: Tetrágono MAPA
Fonte: SCHIEFER *et al*, 2006, pp.25

A articulação entre os quatro intervenientes pode ser representada por uma figura geométrica tridimensional (*Fig. 1*), um tetrágono, de modo a consciencializar sobre a visão do todo, ou seja, a visualização dos vários intervenientes no projecto e permite uma visão mais realista, na medida em que podem ser acomodadas perspectivas diferentes da do projecto

⁸⁸ CASTRO, Lisete Barbosa; Ricardo, Maria Manuel – **Gerir o Trabalho de Projecto: Guia para a Flexibilização e Revisão Curriculares**. Lisboa: Texto Editores. 2002, p. 22.

⁸⁹ Idem, p. 10

⁹⁰ LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro - **Trabalho de projecto: aprender por projectos centrads em problemas**. 4ª Edição. Porto: Edições Afrontamento. 2001. p.140

⁹¹ RAMOS, 2007, pp. 9

desde o início. O grande desafio da metodologia projecto consiste em encontrar uma forma de integrar estes diferentes intervenientes e perspectivas.

Segundo os mesmos autores, para conseguir a estabilidade entre os diferentes intervenientes e perspectivas, pode-se recorrer ao processo participativo, denominado por Método Aplicado de Planeamento e Avaliação (MAPA) – Projectos.

O MAPA consiste numa metodologia operacional, integrada e participativa de planeamento e avaliação, ou seja, é um instrumento de apoio concebido para profissionais, grupos ou organizações que pretendam auxílio nos domínios de gestão de projectos, diagnósticos, planeamento e/ou avaliação. Esta metodologia aumenta assim, a possibilidade de todos os participantes honrarem os seus compromissos detalhados na matriz de enquadramento lógico e no plano operacional do projecto.

Divulgação dos resultados

- redacção relatório final -

A divulgação dos resultados obtidos após a implementação de um projecto é uma fase importante, na nossa visão, na medida em que se dá a conhecer à população em geral e outras entidades a pertinência do projecto e o caminho percorrido na resolução de um determinado problema. Acreditamos que na área da saúde, a implementação da metodologia de projecto como meio de resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade, da instituição em geral ou de um serviço/departamento em específico, assume um papel fulcral para o desenvolvimento dos profissionais e para a melhoria dos serviços prestados aos clientes. A divulgação dos resultados de um projecto nesta área possibilitará que os clientes tenham conhecimento dos esforços realizados pela instituição na melhoria dos cuidados, fornece informação científica aos clientes e a profissionais, servindo de exemplo para outros serviços e instituições.

Recorrendo ao conceito e divulgação científica, procuramos definir a divulgação de resultados decorrentes de um projecto: *"uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral"*. Quando a divulgação é realizada ao público em geral, a linguagem deve ser adaptada, para que os conteúdos

sejam compreendidos correcta e amplamente pelo público. Existe outro conceito mais geral, o conceito de Difusão Científica que se refere a *"todo e qualquer processo usado para a comunicação da informação científica"*.⁹²

A divulgação faz parte do desenvolvimento de um projecto e deve ser devidamente planeada, com a finalidade de informar o público, favorecer o retorno de informação que permita a adaptação do material (folhetos, posters, vídeos, apresentações, artigos, entre outros), da abordagem efectuada ou do método utilizado, bem como a transferência e a adaptação das metodologias e materiais a outros sectores, contextos e línguas⁹³. Assim, a divulgação assegura o conhecimento externo do projecto e a possibilidade de discutir as estratégias adoptadas na resolução do problema⁹⁴.

Existem vários recursos e meios disponíveis para divulgar os resultados de um projecto: reuniões de informação, reuniões informais, reuniões públicas, conferências, apresentação em congresso/seminário (poster, comunicação oral)⁹⁵, poster, folheto, *flyers*, artigos em revistas científicas e através de informação/ficheiros disponíveis na internet⁹⁶ (SCHIEFER *et al*, 2006, pp.184). Actualmente, existe também a internet, que é um recurso que está disponível a milhões de pessoas, sendo uma grande fonte de pesquisa de informação. Como tal, no nosso entendimento constitui um meio muito eficaz e barato de divulgar os resultados de um projecto.

As características do relatório e do material utilizado para divulgar os resultados devem ser adaptadas às características dos seus destinatários, ou seja, *"Não é a mesma coisa escrever para leigos, técnicos ou decisores. De igual forma, não é a mesma coisa escrever para alguém familiarizado com o projecto, ou para alguém que lhe é alheio. Nem é semelhante escrever para uma audiência (previsivelmente) receptiva ou para um conjunto de destinatários (tendencialmente) cépticos."* (SCHIEFER *et al*, 2006, pp.185). Assim, o tipo de linguagem a ser utilizada, o

⁹² <http://revista.ibict.br/>

⁹³ <http://ec.europa.eu/>

⁹⁴ <http://gilt.isep.ipp.pt/>

⁹⁵ <http://www.ensp.unl.pt/>

⁹⁶ <http://www.ensp.unl.pt/>

conteúdo da informação, a forma de transmissão e recursos utilizados são aspectos importantes e não deve ser descurados, pois podem comprometer o objectivo da divulgação dos resultados: dar a conhecer às pessoas o âmbito e pertinência do projecto e dos resultados que se obtiveram.

No que toca à divulgação dos resultados produzidos pela consecução do projecto, é importante reforçar a importância do planeamento e do trabalho adequado, uma vez que é a partir desta divulgação que a população-alvo e população em geral tomarão conhecimento sobre o que foi feito e as estratégias utilizadas, valorizando desta forma o projecto. Na área da saúde, a divulgação dos resultados é também uma forma de sensibilização das pessoas e outros profissionais para o problema que estava em causa, servindo assim de exemplo sobre caminho a seguir, delineando estratégias e a forma de minimizar/anular esse problema nos vários contextos.

Uma das formas de divulgação os resultados de um projecto é através da realização de um **relatório** do mesmo. O relatório de projecto consiste num trabalho escrito onde se concretiza todo o processo de desenvolvimento do mesmo, como tal, não deve ser desvalorizada a sua importância. Geralmente existe um investimento substancial na recolha de informação, sem que esta seja igualmente sistematizada, organizada e apresentada de forma a tornar-se útil para todas as partes interessadas, em tempo útil. A elaboração de um relatório final de projecto constitui, um aspecto fundamental na transmissão de informação, sendo assim um requisito obrigatório na realização de um projecto (SCHIEFER *et al*, 2006, pp. 184). Ainda segundo o mesmo autor, a principal vantagem da realização do relatório, reside em permitir sistematizar, organizar e interpretar, grandes quantidades de informação sob a forma de síntese, transmitindo não só a informação como a sua conversão em conhecimento. Durante a realização do relatório, é necessário ter em conta o público-alvo da leitura do mesmo, ou seja, a leitura poderá ser realizado pela equipa do projecto, que é constituído pelo docente orientador, o enfermeiro orientador e o chefe do serviço. Ou outros públicos-alvo de leitura poderão ser: a organização promotora, neste caso, a instituição na qual é realizada o projecto, bem

como entidades financiadoras do projecto, caso o estudante necessite de pedir apoios financeiros para a realização do mesmo. Assim sendo, devido à existência de diferenças no domínio do interesse e conhecimento do projecto consoante o público-alvo da leitura do relatório, o documento deve ser adaptado aos conhecimentos e características a quem este se destina (SCHIEFER *et al*, 2006, pp. 184-185).

Um dos aspectos a ter em consideração durante a elaboração do relatório, é a finalidade, sendo que este aspecto se encontra depende do tipo de projecto elaborado. O estudante, antecipadamente à realização do relatório, deve colocar questões de forma a delinear o(s) objectivo(s) do relatório (SCHIEFER *et al*, 2006, pp. 185).

Para a redacção do relatório é necessário ter em consideração alguns aspectos, tais como:

- (1) A **estrutura do relatório**, bem como a **correcta redacção do relatório**, tendo em conta o método de apresentação, a linguagem adaptada ao público-alvo de leitura do documento escrito;
- (2) O **conteúdo da informação**, ou seja, os relatórios produzidos devem ser uma fonte de informação e de extrema utilidade, para isso, é necessário que a informação contida possa colmatar as necessidades dos destinatários;
- (3) A **informação contida deve ser orientada para a acção**, ou seja, os relatórios devem de orientar a informação para a decisão ou para a acção.
- (4) A informação contida no relatório deve ser **geradora de conhecimento útil**;
- (5) A informação deve estar **organizada e sistematizada**, ou seja, um bom relatório não passa pela quantidade da informação, mas sim pela qualidade da informação. Assim, os relatórios devem conter informação devidamente seleccionada e organizada, podendo esta ser facilmente assimilada pelos seus destinatários;
- (6) **Deve ser objectivo, claro e conciso**. É necessário ter em atenção a forma como se redige o relatório, este deve de ser redigido de uma forma clara e objectiva, pois no fundo o que se quer é transmitir todo o desenrolar do projecto elaborado. Se a informação não for concisa, os destinatários não vão conseguir compreender todo o processo desenvolvido ao longo do projecto.

(7) A **comunicação deve ser assertiva e transparente**. O relatório é uma forma de comunicação, e esta deve ser feita de forma assertiva, evitando inequívocos na sua leitura. Deve ser utilizada transparência na sua redacção, permitindo que sejam transmitidas todas as dificuldades que surgiram ao longo da realização do projecto, como por exemplo dificuldade na recolha de dados, na recolha de informação e no seu tratamento.

(8) **Facilidade na sua leitura**. De forma, a facilitar a leitura do relatório, este deve conter documentos que tornem fácil a sua consulta, nomeadamente, a presença de sumários, índices, índices remissivos, gráficos, tabelas, diagramas, figuras, imagens, entre outros. Quando se utiliza gráficos, figuras, quadros ou diagramas, é mais fácil captar a atenção do leitor e transmitir a informação de forma objectiva. Contudo, é necessário ter em atenção não utilizar esta forma de apresentação em excesso, como tal, é de reforçar a importância da selecção de informação para que possam ser aplicadas algumas destas formas de leitura;

(9) **Dimensão do relatório**. Muitas das vezes somos confrontados com a quantidade de páginas que o relatório deve conter, quando este valor não é pré-estabelecido. Um relatório, de dimensão reduzida, pode induzir ao pensamento de que a informação contida é insuficiente, mas um relatório excessivamente grande torna-se um objecto de pouca utilidade, uma vez que algumas informações podem ser supérfluas. Para a realização de um relatório com dimensões adequadas, é necessário dividi-lo por partes e delinear o que cada parte deve conter. Assim, o sumário deve conter a informação fundamental, dando a conhecer o conteúdo do relatório de uma forma geral, deve existir um grande esforço de síntese; o corpo do trabalho deve conter informação sucinta, toda a informação mais detalhada e que seja considerada importante, deve ser remetida para apêndices ou anexos (SCHIEFER *et al*, 2006, pp. 186-188).

De acordo com os artigos supracitados, durante a redacção do relatório, este deve ser acompanhado pelos diversos intervenientes do projecto, que tiveram parte activa na realização do projecto, de forma evitar constrangimentos aos níveis da estruturação e conteúdo do mesmo. Tal como durante a realização do projecto, deve haver a validação da informação,

durante a construção do relatório é necessário realizar o mesmo procedimento, de modo a detectar possíveis lacunas no período da sua construção (SCHIEFER *et al*, 2006, pp. 189).

Divulgação dos resultados na prática de enfermagem

Importa reflectir sobre a importância da metodologia de projecto e consequentemente da investigação para as disciplinas e em particular para a Enfermagem, equacionando as vantagens deste método de resolução de problemas para a qualidade e segurança dos cuidados que são prestados aos clientes. Além do mencionando, no decorrer do capítulo que se apresenta, será realizada uma reflexão sobre a pertinência da divulgação dos resultados e seu impacto na prestação de cuidados de Enfermagem.

Segundo FORTIN (1999), a investigação numa dada disciplina visa a produção de uma base científica para orientar a prática e autenticar a credibilidade da profissão. Desta forma, a investigação consiste em aumentar o campo dos conhecimentos na disciplina a que diz respeito, proporcionando o seu desenvolvimento enquanto ciência (FORTIN, 1999, pp.18). De acordo com a mesma autora, a investigação permite determinar, entre os problemas clínicos, aqueles que requerem ser examinados empiricamente, permitindo igualmente, definir os parâmetros de uma profissão. Desta forma, nenhuma profissão terá um desenvolvimento contínuo sem o contributo da investigação, dado ser através desta que se constitui um domínio de conhecimentos numa dada disciplina e que são elaboradas e verificadas as teorias (FORTIN, 1999, pp.18).

De acordo com a Ordem dos Enfermeiros, a Investigação em Enfermagem consiste num *“processo sistemático, científico e rigoroso que procura incrementar o conhecimento nesta disciplina, respondendo a questões ou resolvendo problemas para benefício dos utentes, famílias e comunidades”* (ORDEM DOS ENFERMEIROS, 2006, pp.1). Tendo em conta o referido, a investigação abrange todos os aspectos da saúde que são de interesse para a Enfermagem, incluindo desta forma a promoção da saúde, a prevenção da doença, o cuidado à pessoa ao

longo do ciclo vital, durante problemas de saúde e processos de vida, ou visando uma morte digna e serena. Segundo a OE (2006), o conhecimento obtido através da investigação em Enfermagem proporciona o desenvolvimento de uma prática baseada na evidência, melhorando a qualidade dos cuidados e otimizando os resultados em saúde. Desta forma, considera-se uma prática de Enfermagem baseada na evidência como sendo a *“incorporação da melhor evidência científica existente (quantitativa e qualitativa), conjugada com a experiência, opinião de peritos e os valores e preferências dos utentes, no contexto dos recursos disponíveis”* (ORDEM DOS ENFERMEIROS, 2006, pp.1).

Em 2006, a OE definiu quatro eixos prioritários para a investigação em enfermagem: (1) a adequação dos cuidados de Enfermagem gerais e especializados às necessidades do cidadão; (2) educação para a saúde na aprendizagem de capacidades; (3) estratégias inovadoras de gestão/liderança e; (4) formação em Enfermagem no desenvolvimento de competências.

Enquanto ciência, a Enfermagem requer a produção e renovação contínuas dos seus conhecimentos, o que apenas poderá ser assegurado pela Investigação. A Ordem dos Enfermeiros afirma que são sobretudo a Investigação Clínica, Aplicada e a Investigação/Acção aquelas que proporcionam uma consistência científica, pela garantia relativamente à incorporação dos resultados na prática clínica quotidiana dos enfermeiros. Desta forma, podemos equacionar que a investigação contribui decisivamente à prática clínica de Enfermagem, na identificação e designação de saberes inerentes à prática, através de um processo de natureza indutiva e concomitantemente na validação desses saberes, através de processos de natureza dedutiva (ORDEM DOS ENFERMEIROS, 2006, pp. 1).

A metodologia de trabalho de projecto como já foi anteriormente referido consiste na, *“adopção de um conjunto de procedimentos, técnicas e instrumentos com vista a atingir os objectivos do projecto”* (RAMOS, 2007, pp. 9), e encontra-se dividida em três fases principais, a fase de estudo, planeamento e por fim de realização, sendo que em cada uma destas fases engloba processos e actividades características a desempenhar, pois apenas com um bom estudo e

planeamento do projecto a abordar se pode no final executar uma realização produtiva e válida da metodologia de projecto⁹⁷.

A metodologia de projecto é um método centrado na análise e resolução de problemas em grupo, que surgem da necessidade de responder um desejo, de resolver uma necessidade ou de enfrentar um desafio. Esta metodologia contribui de forma promover uma aprendizagem relevante e útil, uma vez que estabelece ligações com a realidade e desenvolve competências fundamentais para a formação e desenvolvimento de alunos, profissionais e até nas Ciências, como por exemplo, a Enfermagem. Podemos também concluir que, a metodologia de projecto é um elemento importante dentro da investigação para o desenvolvimento da profissão de Enfermagem, pois sem a participação activa no projecto, dificilmente há uma evolução de forma consistente nas vertentes teórica e/ou prática⁹⁸.

No que concerne à divulgação dos resultados, é do nosso entendimento que esta consiste num dever ético do investigador. Tendo em conta que a Investigação pretende acrescentar conhecimento à comunidade científica, revela-se fundamental a divulgação dos resultados, para que seja possível ter acesso aos mesmos. De acordo com MARTINS (2008), a divulgação dos resultados deve englobar a informação considerada pertinente, nomeadamente os aspectos negativos ou hipóteses não confirmadas, que podem constituir tópicos relevantes, passíveis de serem investigados. Segundo o mesmo autor, a divulgação dos resultados deve expor as limitações do estudo e a possibilidade, ou não, de generalização dos resultados. Desta forma, será evitada a repetição desnecessária de inúmeros estudos, antes se contribuindo para a realização de outros que concorram para a validação dos resultados em contextos diferentes e/ou através de diferentes metodologias ou estratégias e assim proporcionem ganhos pertinentes (MARTINS, 2008, pp.65). Segundo o mesmo autor, a divulgação dos resultados pode ser realizada de diversas formas, nomeadamente através da publicação em formato

⁹⁷ <http://agpjmagalhaes-m.ccems.pt/>

⁹⁸ <http://www.cienciahoje.pt/>

papel ou electrónica, ou ainda através de comunicações, posters, relatórios, eventos científicos. Independentemente da forma pela qual se opta divulgar os resultados, a publicação, constitui, na nossa opinião, um recurso fundamental à prática de enfermagem dado que a evidência permite a aquisição de conhecimentos científicos e desta forma a prestação de cuidados com maior qualidade, ou seja uma prática baseada na evidência. Tendo em conta o referido, concluímos que, a prática baseada na evidência permite-nos prestar cuidados de enfermagem de qualidade visando a saúde e o bem-estar dos clientes.

Reconhece-se a importância da investigação para o desenvolvimento contínuo da Enfermagem, proporcionando a tomada de decisões adequadas para prestar os melhores cuidados aos clientes. A Investigação permite desenvolver e consolidar os conhecimentos, constituindo-se como um contributo para a visibilidade dos cuidados de Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Lisete Barbosa; Ricardo, Maria Manuel – Gerir o Trabalho de Projecto: Guia para a Flexibilização e Revisão Curriculares. Lisboa: Texto Editores. 2002 ISBN: 9789724717258.

FORTIN, Marie-Fabienne – O processo de investigação: da concepção à realização. 2ª Edição. Loures: Lusociência, 1999. ISBN: 972-8383-10-X

LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro - Trabalho de projecto: aprender por projectos centrados em problemas. 4ª Edição. Porto: Edições Afrontamento. 2001. ISBN: 972-36-0216-4.

MARTINS, José Carlos Amado – Investigação em Enfermagem: Alguns apontamentos sobre a dimensão ética. Pensar Enfermagem Volume 12, N.º 2, 2º Semestre de 2008.

ORDEM dos Enfermeiros – Investigação em Enfermagem: Tomada de Posição. Lisboa: 26 de Abril de 2006.

SCHIEFER, Ulrich; BAL-DOBEL, Lucinia; BATISTA, António – Método Aplicado de Planeamento e Avaliação: Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos. 1ª Edição. Cascais: Principia, 2006. ISBN 972-8818-58-0.

REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

http://ec.europa.eu/education/programmes/llp/leonardo/guides/pt_4.pdf, dia 19/02/2010, 14:29;

http://moodle.grude.ufmg.br/paginas/moodldata/18653/A_Ciencia_o_Sistema_de_Comunicacao_Cientifica_e_a_Literatura_Cientifica.pdf, dia 19/02/2010, 15:15;

http://www.ensp.unl.pt/saboga/investiga/investiga_5net_texto.pdf, dia 19/02/2010, 17:28;

http://gilt.isep.ipp.pt/caspoe/images/stories/conteudos/Relatorio_Progresso_Especifico_Jan07.pdf, dia 20/02/2010, 10:29;

<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/465/424>, dia 20/02/2010, 11:40;

<http://www.cienciahoje.pt/35123>, dia 20/02/2010, 16:34;

RAMOS, Sérgio – Introdução à Metodologia do Trabalho de Projecto. Outubro 2007. Documento disponível em http://agpjmagalhaes-m.ccems.pt/file.php/1/Manuais_do_Moodle/TIC-Metodologia-Projecto_1_.pdf, acedido no dia 20/02/2010, pelas 17:45.

Conclusão

1.⁹⁹

Os enfermeiros têm a responsabilidade profissional de desenvolver os seus conhecimentos sobre os cuidados de saúde, ao longo da sua prática, de modo a aperfeiçoar as suas competências (CRAIG e SMYTH, 2004). Desta forma, no sentido de prestar cuidados de qualidade os enfermeiros devem sempre reflectir e avaliar as suas intervenções, fundamentando-as com conhecimentos clínicos baseados na evidência. Assim, a Enfermagem utiliza a pesquisa, bem como uma metodologia sistemática que utiliza de forma disciplinada questões para a resolução de problemas, tendo como objectivo final desenvolver e expandir um corpo de conhecimento (POLIT e BECK, 2004).

Cada vez mais é esperado dos profissionais de enfermagem uma prática baseada na evidência, que é definida pela tomada de decisão fundamentada pela investigação mais recente. O que levará, não só a intervenções clínicas apropriadas, mas também, em outras áreas da competência de enfermagem como a gestão de recursos, entre outros (POLIT e BECK, 2004).

Quando os investigadores abordam um determinado problema ou questão de investigação, independentemente do paradigma base, eles estão a iniciar um estudo, que se poderá denominar de estudo de investigação ou projecto de investigação. Estes estudos envolvem várias pessoas a intervir em várias áreas específicas e desempenhando papéis diferentes (POLIT e BECK, 2004).

⁹⁹ Do trabalho de Alda Ribeiro, Alexandra Figueira, André Couto, Andreia Carreira, Rute Severino

Em suma, o trabalho de projecto é um método de trabalho que se centra na investigação, na análise e resolução de problemas em grupo, método este bastante útil na evolução da enfermagem, promovendo uma prática fundamentada que assenta no aumento da qualidade dos cuidados (ANDERSEN, GRUDE et al, 2009).

2.¹⁰⁰

Bonvalot (G. Bonvalot, B. Courtis, 1984), na tentativa de abranger diferentes significações, define projecto como “a passagem do desejo à intenção e da intenção ao acto”. Por seu lado, Cornwall e Friedman, centram a sua atenção no projecto educativo afirmando que este consiste numa “actividade na qual o estudante adquire e aplica conhecimentos e capacidades através do seu desenvolvimento num problema autêntico ou simulado da vida real” (LEITE et al., 1993: 89).

De acordo com Castro et al. (2002), o método de projecto consiste num método de trabalho que implica a participação de cada elemento do grupo, de acordo com as suas capacidades, com o intuito de elaborar um trabalho conjunto, decidido, planificado e organizado de comum acordo.

De forma mais abrangente, e tentando valorizar as diferentes vertentes que o Trabalho de Projecto envolve, este pode ser definido como uma actividade intencional através da qual o actor social, partindo do problema seleccionado, produz conhecimentos, adquire competências, revê e/ou adquire atitudes e/ou resolve problemas que suscitam a sua preocupação através do estudo e envolvimento numa questão autêntica ou simulada da vida real (LEITE et al., 1993).

O Trabalho de Projecto é uma actividade de índole de investigação e envolve trabalho de pesquisa no terreno, tempo destinado à planificação e intervenção, problemas considerados de interesse pelo(s) participante(s) e com enfoque social. Envolve igualmente uma interacção permanente entre a teoria e a prática, considera à partida os recursos e restrições existentes, engloba a recolha e tratamento de dados, estudos de propostas de solução e implica uma avaliação contínua (LEITE et al., 1989).

Para um projecto ser autêntico, é necessário partir do impulso do(s) participante(s) e supor a visão de um fim. Um projecto implica uma previsão de consequências que resultam da acção introduzida no impulso inicial, exigindo, em primeira instância, uma observação objectiva das condições e das circunstâncias. Daí que a formulação de um projecto seja uma operação intelectual bastante complexa e implique, para além da observação, o conhecimento do que foi possível produzir no passado em situações idênticas, o conhecimento feito pela lembrança e pela informação, as advertências e conselhos daqueles que possuam maior experiência; e uma avaliação que sintetize as observações e recordações para que seja passível de se tirar o seu significado (LEITE et al., 1993).

Segundo Leite et al. (1989), a metodologia presente no projecto é um instrumento de trabalho que não tem carácter definitivo, dado que pode ser alterado de acordo com novos valores que possam ser encontrados e que melhor se adequem ao processo, e segundo a criatividade do grupo, como forma de o enriquecer e ajustar consoante a prática. Desta forma, para cada projecto, o esquema de metodologia será aquele que a experiência mostrou como viável na procura de respostas de acordo com diversos factores como, a economia de meios, precisão, estética entre outros.

Para além das características referidas anteriormente, Castro et al. (2002) referem que o Trabalho de Projecto é orientado para a resolução de um problema e deve obedecer a características como: ser considerado importante e real para um dos elementos do grupo; ser profissionalmente relevante para o grupo e/ou permitir novas aprendizagens; e ser de natureza passível de ser estudado ou resolvido tendo em conta as condições da sociedade em que os elementos do grupo se encontram inseridos.

A pedagogia do projecto é caracterizada da seguinte forma:

- 1º A aprendizagem é influenciada pelo grau de empenho voluntário do(s) participantes(s);
- 2º No projecto, o tema em estudo é assumido por várias pessoas, o que conduz a uma divisão do trabalho previamente discutida pelo grupo;
- 3º A elaboração de um projecto dá lugar a uma antecipação formal das fases do seu desenvolvimento e o objectivo a atingir;

¹⁰⁰ Do trabalho de Carina Rodrigues, Daniel Gonçalves, Patrícia Mendes, Pedro Baião, Sara Rodrigues, Sílvia Carvalho e Vanessa Pereira.

4º Qualquer projecto deve dar origem a uma produção esperada por um grupo que no final a irá apreciar. Independente do tema, o projecto deve culminar numa obra apresentada;

5º O projecto deve ser colocado em prática de uma maneira flexível. Uma programação rígida e imposta pelo orientador é o oposto de uma pedagogia do projecto. O confronto permanente do objectivo enunciado e da sua realização constitui o essencial do trabalho onde se pratica a autonomia do(s) participante(s), a sua criatividade e a sua socialização. O grupo deve periodicamente fazer o ponto de situação do seu trabalho e reorientá-lo, quando necessário, de acordo com as dificuldades encontradas;

6º A realização do projecto dá lugar a uma alternância de trabalho individual e negociação de grupo, sendo que este deve cooperar permanentemente sem provocar confusão a nível das tarefas decididas e distribuídas;

7º O papel do orientador no projecto é o de coordenador ou informador, intervindo a pedido do grupo ou por sua própria iniciativa de acordo com o desenvolvimento do trabalho. Assim, este deve saber incitar, esperar e intervir quando necessário, resumir e formalizar as regras no final das discussões e indicar as fontes de informação que encontra por sua conta. O orientador deve ainda acompanhar e seguir as evoluções do projecto (LEITE *et al.*, 1993).

Segundo os autores mencionados, estas características dependem essencialmente do empenho afectivo do(s) elemento(s) do grupo na sua situação de aprendizagem pessoal. Os vectores afectivos incluem o interesse espontâneo pela tarefa e a necessidade de socialização (ser reconhecido pelos outros, agir com e sobre os outros).

O Trabalho de Projecto permite praticar competências sociais como a comunicação, o trabalho em equipa, a gestão de conflitos, a tomada de decisão e a avaliação de processos, bem como realizar inúmeras aprendizagens e desenvolver as múltiplas capacidades quer dos elementos do grupo quer do orientador. Promove ainda a aprendizagem através da acção, ligando a teoria à prática, e a resolução de problemas a

partir de situações e recursos existentes (CASTRO *et al.*, 2002).

De acordo com os autores referidos, o Trabalho de Projecto desenvolve-se nas seguintes etapas: Escolha do problema; Escolha e formulação dos problemas parcelares; Preparação e planeamento do trabalho; Trabalho campo; Ponto da situação; Tratamento das informações recebidas, preparação do relatório e da apresentação; Apresentação dos trabalhos; e Balanço (avaliação).

IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES

DO 7º CLE

Ana Assenhas, Ana Mirante, Cândida Silva, Gonçalo Xavier, Helena Pereira

Filipa Gonçalves, Andreia Leite, Carlota Fernandes, Cláudia Andrade, Nuno Guerreiro, Pandora Salvado e Tânia Dias.

Cidália Teófilo, Denise Cabeça, Diana Freitas, Márcia Castro, Margarida Rodrigues e Sara Silva.

Andreia Vaz, Delinete Rocha, Fernando Malcata, Luís Meireles, Renato Santos, Sónia Silva e Tânia Caterna.

Carina Rodrigues, Daniel Gonçalves, Patrícia Mendes, Pedro Baião, Sara Rodrigues, Sílvia Carvalho e Vanessa Pereira

Alda Ribeiro, Alexandra Figueira, André Couto, Andreia Carreira e Rute Severino

Ana Assenhas, Ana Mirante, Cândida Silva, Gonçalo Xavier, Helena Pereira

